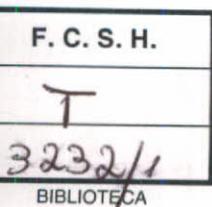




Natália Correia: escritos autobiográficos
Edição e estudo
I volume

Miguel Gonçalves de Magalhães

Lisboa
2006



Natália Correia: escritos autobiográficos
Edição e estudo
I volume

Miguel Gonçalves de Magalhães

Dissertação de Mestrado em Literaturas
Modernas e Contemporâneas apresentada à
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Lisboa
2006



O relevo, quase excessivo, da mulher política obscureceu, por vezes, o talento real e a sensibilidade da escritora. É bom que lhe façamos justiça e olhemos fundo para a sua obra, rio luminoso, por vezes em chamas, que traz consigo muito do que Natália viveu, leu, sonhou, quis construir e deixou incompleto, como quase todos os artistas da paixão.

Urbano Tavares Rodrigues

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	5
Exposição do tema	5
Estado da investigação	6
Objectivo e método	9
Abreviaturas.....	11
A infância: A família e a Ilha como <i>axis mundi</i>	12
A Mãe: uma mulher de cultura.	20
<i>Almas inquietas (1944)</i>	26
<i>Plano Inclinado (1945)</i>	30
Portugal na década de 30: clarificação e institucionalização do Estado Novo ...	38
<i>Descobri que era europeia (1951)</i>	55
25 de Abril de 1974: Liberdade e democracia:	75
<i>Não percas a Rosa: Diário e algo mais (1978)</i>	78
Conclusão.....	94
Bibliografia	97

A vida vivida e contada a nós
próprios...Qualidade de estar
sempre vivendo...Antes, com o
sangue. Depois com o espírito do
sangue.

Natália Correia, *Texto 28*

INTRODUÇÃO

Natália Correia é uma figura singular na cultura portuguesa do séc. XX. E contudo, a sua vida não foi, até hoje, objecto de um estudo aprofundado porque talvez estejamos ainda muito próximos do seu desaparecimento para efectuar um estudo objectivo e isento da sua biografia. Acresce ainda o facto de só agora começarem a estar disponíveis os meios necessários para realizar esse trabalho. Resolvemos empreendê-lo tanto mais que os aspectos biográficos, aparentemente acessórios ou secundários para a crítica literária, têm um papel real na compreensão da obra da autora e da sua época.

Exposição do tema

Embora o nosso propósito inicial fosse a elaboração de uma biografia com os elementos agora disponíveis, sentimos a necessidade de alargar o campo de trabalho e de abranger, também, alguma da sua obra literária, sobretudo a prosa de carácter diarístico e alguma da sua poesia que contém traços nitidamente autobiográficos.

As principais questões que se nos colocaram já no decorrer deste trabalho foram as influências familiares de Natália, o contexto histórico que cercou a vida da autora e de que forma estas influências e circunstâncias se reflectiram na sua obra. Tentámos responder a estas e a outras questões que entretanto foram surgindo ao longo deste estudo. Por outro lado, tentámos

ainda clarificar um pouco o pensamento filosófico e político da escritora e cidadã, que nos últimos anos tem sido objecto de interpretações nem sempre correctas, fruto de um estudo parcial da obra.

Procurámos, também explicar as relações de causa / efeito entre os acontecimentos históricos e a produção literária da autora. Mas para não ampliarmos o âmbito deste trabalho, não abordámos toda a obra de Natália, deixando de fora a sua poesia e referindo, brevemente, a sua colaboração na imprensa escrita.

Estado da investigação

Em 1994, um ano depois da morte de Natália Correia, Ângela Almeida publica a sua fotobiografia intitulada *Retrato de Natália Correia*. Outro título não seria mais apropriado porque um retrato implica um elemento subjectivo que é a perspectiva escolhida pelo retratista. Quanto a isso, nenhuma opção é condenável, sobretudo porque sabemos que Ângela Almeida conviveu com Natália Correia. Mas todo o retrato necessita de um cenário que defina a sua circunstância e de uma moldura que seja fronteira entre os elementos que queremos ver concentrados e que evite a dispersão do olhar. É neste aspecto que esta fotobiografia de Ângela Almeida deixa o leitor ocasional ou o académico defraudado. O estudo contém alguns erros históricos ou cronológicos (que, de resto, são perfeitamente compreensíveis uma vez que só recentemente estão disponíveis ao público o espólio de Natália Correia e os arquivos da PIDE/DGS), sentimos que o livro está dependente de uma interpretação subjectiva da vida de Natália através da sua obra literária. Não é isso que se pretende quando se escreve a biografia de alguém mas que os

elementos biográficos do indivíduo possam lançar alguma luz na compreensão da obra. Neste aspecto, este retrato de Natália Correia mostra a vida da autora construída a partir de uma interpretação da sua obra com toda a subjectividade que lhe é inerente: romântica, desmesuradamente surrealista, barroca e, em alguns casos, hermética.

O que parece faltar neste retrato feito por Ângela Almeida é a circunstância da vida de Natália Correia. Não podemos esquecer que Natália chegou a Lisboa em 1934, década em que o Estado Novo alicerçou o seu poder minando todas as áreas da República e da vida civil. É, também, no “paraíso triste” que Natália assiste à II Guerra Mundial, ao triunfo das democracias ocidentais e à violenta repressão contra a Oposição por parte do Estado Novo. É a partir destes elementos, dos factos históricos que ocorreram ao longo da vida de Natália, que nos propomos analisar a obra da autora.

De que nos serve conhecer a bibliografia de Natália Correia ou as datas importantes da sua vida se não pudermos retirar desses dados uma lógica para a sua literatura de Oposição ao Estado Novo ou uma justificação de determinada atitude? Pretende-se com este estudo realizar um ensaio crítico sobre a vida e obra de Natália Correia, fundamentado na informação empírica indispensável, disponível, direccionado para uma proposta de inteligibilidade possível dos factos.

Posto isto, seria de esperar que dez anos passados sobre a sua morte e com a morte, em 1997, do seu marido Dórdio Guimarães, mais cedo ou mais tarde alguém lançasse uma nova luz sobre a vida de Natália Correia. Em 2001, Fernando Dacosta publica o livro *Nascido no Estado Novo* onde dedica um

longo artigo à vida de Natália Correia. Socorrido da sua própria amizade com a escritora e de contactos com amigos desta, Fernando Dacosta deixa-nos um retrato impressionante, impressionista e uma imagem quase mítica da personalidade de Natália Correia. Infelizmente, os factos históricos e os documentos que serviriam de prova são praticamente inexistentes. Já em 2003, por ocasião do colóquio¹ sobre Natália Correia uma das comunicações intitulava-se *Uma fotobiografia de Natália* e foi proferida por Ana Paula Costa. Nesta comunicação, foi anunciado o lançamento em Setembro desse mesmo ano de uma nova fotobiografia corrigida e aumentada. Este projecto² foi publicado no início de 2006 facto que permitiu a revisão deste trabalho. Ainda em 2006, foi também publicada, por Maria Amélia Campos, a biografia de Natália Correia intitulada *A Senhora da Rosa*³.

Os restantes estudos em torno da vida de Natália Correia resumem-se a artigos publicados dispersamente e que, pela sua natureza, são sumários, centrando-se a maior parte destes estudos sobre obras ou temas específicos da autora e não nos fornecendo quaisquer dados de carácter biográfico. É necessário assinalar, ainda, a tese de mestrado de Graciete Berta de Sousa Nobre apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 1993, intitulada *A poesia de Natália Correia e o espírito da heterodoxia* e a tese de mestrado de Maria Teresa Gomes Paula Santos apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 1995, intitulada *Natália Correia - poeta romântico: primeiras etapas de*

¹ Realizado nos dias 26 e 27 de Março na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

² COSTA, Ana Paula, *Natália Correia – Fotobiografia*, Lisboa: Dom Quixote, 2006.

³ CAMPOS, Maria Amélia, *A Senhora da Rosa – Biografia Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2006.

uma leitura em processo que se centraram em temas específicos da obra de Natália Correia.

Objectivo e método

Os estudos autobiográficos de autores famosos ou de individualidades mais ou menos conhecidas estão na ordem do dia: diariamente são publicadas autobiografias, fotobiografias e biografias que têm como objectivo dar a conhecer experiências individuais ou colectivas cristalizando, desta forma, períodos históricos de referência.

A originalidade deste trabalho que apresentamos consiste, precisamente, no facto de ser a primeira análise que tenta estabelecer pontes entre o contexto histórico do autor e os reflexos dessa circunstância histórica na sua obra tanto édita como inédita. Procurámos assim uma nova abordagem da obra nataliana, esperando que este trabalho possa contribuir para a clarificação da acção literária e cívica de Natália porque muitos foram aqueles que dedicaram a sua vida à Oposição do Estado Novo e muitos foram aqueles que fizeram literatura de Oposição, mas poucos foram os que se dedicaram de forma tão completa a ambas as coisas e mais raros ainda os que suscitaram tanta discussão e divergência de opiniões.

Para realizarmos este trabalho utilizámos várias fontes. Em primeiro lugar definimos as obras éditas com carácter autobiográfico e diarístico da autora. Utilizámos o caderno de viagens *Descobri que sou europeia* (1951) e *Não percas a Rosa* (1978). Em seguida definimos algumas obras poéticas que pela sua temática ou aspectos linguísticos (como a utilização da primeira pessoa do singular) nos ofereciam pistas para determinadas épocas da vida da

autora. Surgiu-nos, depois, a necessidade de procurarmos no espólio da escritora outros textos que se enquadrassem neste estudo, ainda que fossem inéditos. O resultado desta investigação encontra-se no II volume deste trabalho com cerca de 45 textos inéditos (apenas um dos textos foi publicado como artigo na revista *Vida Mundial*), entre notas pessoais e cadernos de viagens. Recorremos, também, ao processo da PIDE de Natália Correia, Maria José de Oliveira e Cármen Correia que estão depositados nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. Foi a partir deste *corpus* que dividimos esta biografia em três partes fundamentais baseadas num critério cronológico: a primeira parte situa-se entre 1923 e 1934 (infância de Natália Correia na ilha), a segunda parte situa-se entre 1934 e 1974 (actividade de Oposição ao Estado Novo) e a terceira parte situa-se entre 1974 e 1993 (consagração de Natália nas letras e actividade política na democracia).

Este trabalho não esgota o estudo sobre a vida de Natália mas oferece pistas para futuros trabalhos de igual importância, como a necessidade de um levantamento exaustivo da participação de Natália Correia na imprensa escrita, o estudo detalhado de toda a bibliografia de Natália, incluindo as diversas edições que as obras tiveram, ou ainda um levantamento de todas as peças de teatro escritas pela autora e que ainda permanecem inéditas ou desaparecidas. Ficam ainda por estudar os diálogos poéticos entre Natália Correia e Dórdio Guimarães que permanecem na sombra da obra.

Abreviaturas

Para as referências bibliográficas dos textos inéditos utilizaram-se as seguintes abreviaturas:

D9 → Espólio de Natália Correia (Cota da BN)

D10 → Espólio de Dórdio Guimarães (Cota da BN)

R. → Número de registo do documento (Cota da BN)

Doc. → Número do documento (Cota da TT)

Cx. → Número da caixa onde se encontra o documento (Cota da BN)

Um dos problemas técnicos que se colocou no manuseamento do material inédito da autora foi o facto de o espólio de Natália Correia não estar ainda catalogado (com excepção da correspondência) e de o espólio de Dórdio Guimarães não estar indexado, motivo pelo qual não pudemos uniformizar as referências bibliográficas dos documentos. Tentámos, por isso, minimizar os aspectos negativos desta lacuna utilizando a referência topográfica (número da caixa onde se encontram os textos) da Biblioteca Nacional e o número de registo dos mesmos.

Para os textos publicados utilizámos as seguintes abreviaturas:

d.l. → Depósito legal da obra

imp. → Data de impressão da obra

A infância: A família e a Ilha como *axis mundi*

Natália de Oliveira Correia nasce a 13 de Setembro de 1923 na freguesia da Fajã de Baixo, ilha de S. Miguel, Açores. É a segunda filha de Manuel de Medeiros Correia e de Maria José de Oliveira. A sua única irmã, Cármen, tinha nascido dois anos antes, em 1921.

O lar da infância de Natália era composto, também, por duas tias maternas: Hortênsia (madrinha de baptismo da escritora) e Santo Cristo, que se tornarão também elas figuras recorrentes na sua obra.

Nos primeiros anos da sua infância a família de Natália poder-se-ia qualificar igual a tantas outras, mas esta situação iria mudar com o desaparecimento da figura paterna. Manuel de Medeiros Correia, um comerciante pouco próspero, vê-se obrigado a emigrar para o Brasil em 1929 deixando toda a família na terra natal. A mãe, Maria José de Oliveira, era professora do ensino primário e com o desaparecimento do marido torna-se a primeira figura do lar, constituindo-se como a matriarca da família. O contacto com Manuel de Medeiros Correia mantêm-se durante alguns anos embora Natália não guardasse boas recordações dessa primeira ausência que povoará as suas memórias.

Estava no Brasil, esse pai metafísico, a fazer pela vida que dissipara em bebedeiras e play-boiadas. De vez em quando dava notícias muito poupadas só perdulárias nos rosários, bentinhos e missais de madrepérola que mandava à filha para que na minha alma entrasse o avejão da piedade.⁴

⁴ Natália Correia, *Não percas a Rosa – Diário e algo mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975)*; Lisboa: Dom Quixote, 1978 (col. “Participar”, nº11), p. 17

Um flagrante contraste com as memórias que mantêm da mãe e que imediatamente explana:

Bugigangas insonsas comparadas com as histórias dos deuses que minha mãe me lia quando, na lomba mais suave do cair da tarde sossegavam as garças. Acendia-se então a palavra que entre todos nomeava Afrodite: liberdade.⁵

Os bens materiais são colocados num plano secundário porque a cultura e a faculdade de pensar em liberdade será, para Natália, a maior riqueza que herdará da mãe e a figura paterna será frequentemente arredada do universo literário da autora. Em vários contos, Natália coloca a figura materna como o centro da criação num processo de quase auto-fecundação e onde o homem, portador de uma lógica castradora, é um elemento indesejável. As suas personagens são transportadas para o universo da infância, para a casa materna povoada pelas velhas criadas (personagens sempre presentes e que funcionam como guardiãs do templo que é a casa), tias solteiras e a Mãe. A figura do pai é afastada desse espaço porque ele é um profanador e não existe lugar para ele no mistério da vida:

(...) aquele horror de eu ter nascido porque um homem andara a mexer no corpo da minha mãe que era santo e não podia ser maculado por canudos imundos de homens de onde saíam bicharocos que faziam meninas.⁶

No universo nataliano, o matriarcado não admite a presença masculina no lugar de iniciação porque o homem representa a razão, o *logos*, que impede a introspecção e o instinto necessário ao processo alquímico da evolução do Homem.

Pouco mais se sabe de Manuel de Medeiros Correia porque o contacto com a família foi raro, seguido de um silêncio total, só quebrado em 1951 quando

⁵ Natália Correia, *Ibidem*, p. 17.

⁶ Natália Correia, *Onde está o menino Jesus?*, Lisboa: Rolim (col. "Fantástico", nº34), 1987, p. 46

visita a filha em Lisboa. Mas Manuel de Medeiros Correia segue pouco depois para os Açores. Maria José Oliveira fala dele numa das cartas que envia do Brasil embora seja difícil de compreender o contexto uma vez que existem lacunas no documento (parecem faltar páginas). Eis o que escreve no verso de uma carta:

(...) me anda a contar minuciosamente, tudo o que o teu pai fez e disse. Como se apresentou e como foi recebido. Já sei que foi dizer mentiras à porteira: que era fazendeiro e que tinha terra no Brasil. Um mentiroso. Viveu com uma amiga que o pôs na rua. O padre é que lhe pagou a viagem.⁷

Na correspondência entre Natália Correia e Maria José de Oliveira não existem mais referências a Manuel de Medeiros Correia. E na correspondência que Natália manterá com a irmã Cármen até finais dos anos 80 não há referências ao pai com excepção de uma carta datada de 26 de Setembro de 1969, onde Cármen diz:

Alegra-me que a família do nosso falecido pai (já deves sabê-lo) tenha-te recebido com tôdas as honras.⁸

Na fotobiografia organizada por Ângela Almeida não é apontada nenhuma data para a morte de Manuel de Medeiros e nem sequer é dito se, de facto, ele permaneceu nos Açores a partir de 1951 ou se regressou ao Brasil, pelo que se torna difícil saber o que lhe aconteceu desde então. Mas a partir deste documento podemos supor que Manuel de Medeiros terá falecido em 1969.

A partir do momento em que Manuel de Medeiros Correia se separa da família, o universo afectivo de Natália fica reduzido à Mãe, à irmã e a ela própria, embora não em partes iguais.

⁷ D9 / R. 1546

⁸ D9 / 767

A sua irmã Cármen permanece uma figura estranha de quem pouco se sabe. As raras informações de que dispomos actualmente são as que conseguimos discernir e conjecturar a partir da correspondência entre ambas. Mas é notória, numa primeira análise, a pouca afectividade que demonstram nessa relação. É forçoso admitir que esta se caracteriza por uma quase ausência de expressões afectivas porque o conteúdo das cartas resume-se a assuntos de carácter formal. Este facto talvez se possa explicar pelas diferentes perspectivas de vida que caracterizavam as suas personalidades porque Cármen, ao contrário da irmã, tinha uma mentalidade mais prática e mundana. Assumia-se como um espírito lutador para quem a literatura não era essencial. Mas é importante referir que Cármen também escreveu poesia e que consultava frequentemente Natália pedindo-lhe a opinião sobre a qualidade da sua escrita. Numa das cartas, datada de 15 de Dezembro de 1982, Cármen confessa que Natália tinha influenciado o seu modo de escrever poesia e existe no espólio de Natália Correia um conjunto de recortes da imprensa com poemas e textos diversos que Cármen ainda chegou a publicar, sobretudo no Brasil. Inclusivamente, em 5 de Dezembro de 1973 envia um livro de poesia escrito por ela intitulado *Uma oitava de lua cheia* e com o qual pretendia concorrer ao Prémio Pablo Neruda da editora Inova, facto que indica que Cármen não tinha um interesse ocasional pela escrita mas que encarava esta como um modo de estar na vida. De acordo com as suas próprias cartas, a poesia era para Cármen um exercício, aquilo que Natália definiu mais tarde como um "alimento para o espírito".

Cármem ensaiou diversas entradas no mundo das letras: figurou em pelo menos uma antologia de poesias brasileiras na qual foram publicados três poemas seus. Publicou, também, um livro em capítulos num jornal particular do qual não temos referência. Tentou, por diversas vezes, publicar obras suas em Portugal, sem sucesso. Numa das suas cartas para Natália, diz:

Então o meu livro os animais e as flores não deu em coisa alguma? Pede-lhe (Mário Braga, que, já fui informada, está no Ministério da Cultura) que me mande para cá, que aqui tentarei publicar. És muito conhecida aqui no mundo intelectual.⁹

Uma das questões que se prendem com esta observação é o facto de Natália não ter utilizado a sua influência e conhecimentos no mundo editorial para fazer publicar as obras de Cármem. É possível que Natália não considerasse a obra de Cármem suficientemente "boa" em termos literários para publicação ou não quisesse ser acusada de uma parcialidade que ela própria rejeitava. Fossem quais fossem os motivos deste silêncio, a escrita de Cármem foi suficientemente boa para que alguns jornais brasileiros a publicassem:

Por aí...

Limos que se agram a lágrimas retida,
num manancial interno de frases retidas...

Gargalhadas de inverno em roupagens de estio,
num padecer sentido de contorções de frio...

Janelas de ilusão num rápido mentir,
Que se abrem sem fechar e se fecham sem abrir...

Perfil de camafeu que disfarça desejos,
num derreter interno de rçmanos festejos...

Respostas de amanhã num repetir de agora,

⁹ D9 / 757

num tédio rebatido que demais se demora...

Enciclopédia eterna de jornais usados,
de rumores vividos e ímpetos derramados...

Odores que estimulam perfumes atrasados,
que chegam recolhidos porque eram limitados...¹⁰

A realidade é que Cármen Correia não se considerava uma escritora, ou pelo menos não encarava a escrita de uma forma profissional. Numa das cartas que dirige a Natália, escreve:

Vou ver se encontro algumas poesias para te mandar. Mas não sou poetisa.¹¹

Seria, por isso, importante para o estudo da obra de Natália Correia fazer um levantamento exaustivo da obra poética de Cármen Correia e estabelecer pontes e fronteiras entre as obras de ambas para compreendermos a herança materna de ambas.

Alguns dados biográficos de Cármen são-nos proporcionados pelos arquivos da PIDE, ainda que seja necessário colocar algumas reservas quanto à veracidade dos factos. Ainda em Lisboa, Cármen é referenciada nos processos como auxiliar da mãe na direcção do Colégio Lusitano e onde lhe é atribuída a profissão de pianista. Sabe-se também que foi, juntamente com Natália, locutora no Rádio Clube Português e que a acompanhou quando esta foi entrevistar Norton de Matos em Ponte de Lima durante a campanha eleitoral para as presidenciais de 1949. Esteve igualmente envolvida com Natália no golpe militar de 10 de Abril de 1947. Embora Cármen se tivesse mantido na sombra da irmã, tanto a nível cívico como literário, é evidente, por

¹⁰ D9 / 784

¹¹ D9 / 757

estes acontecimentos, que ambas tinham uma grande cumplicidade embora esta cumplicidade não se tenha concretizado no plano afectivo. Mas, estranhamente, a mesma atitude terá Natália em relação à mãe apesar da sua reconhecida admiração, como veremos mais adiante.

Em 1951, Cármen parte com Maria José de Oliveira para São Paulo. A escolha desta cidade não é ingénua nem casual porque a maior parte da família materna residia no Brasil. É lá que trabalhará em várias firmas como secretária e tradutora, ao mesmo tempo que escreve alguns poemas e artigos de opinião que publica em jornais brasileiros. Pouco tempo depois da sua chegada ao Brasil, Cármen conhece um indivíduo de origem líbia que será a causa de várias desavenças com a mãe. Numa das suas cartas, Maria José de Oliveira exprime a Natália a sua preocupação acerca da relação de Cármen com Ali Rajab. Maria José era contra esta relação mas Cármen acaba por se casar. Uma certidão datada dos anos 70 refere o facto de Cármen já se encontrar divorciada deste indivíduo. Um outro facto que atesta o distanciamento afectivo entre as irmãs é o volume relativamente pequeno de correspondência. Durante o período de separação entre Natália e a irmã, Cármen escreve cerca de 34 cartas que são o único testemunho de uma ausência de 36 anos, apenas interrompida ocasionalmente com visitas de Cármen a Portugal. Nas cartas, a irmã da escritora exprime sempre a sua intenção de regressar definitivamente a Portugal com o marido e esperava apenas que os negócios de Ali Rajab melhorassem o suficiente para regressar com uma situação financeira confortável, mas esse tempo não chegou ou faltou a vontade. Na biografia *A Senhora da Rosa*, a autora refere que o

casamento de Cármen com Ali Rajab lhe tinha proporcionado uma estabilidade financeira. Esta afirmação não é correcta pelo simples facto de que um dos motivos pelo qual Maria José de Oliveira se opunha a este casamento era o facto de considerar Ali Rajab demasiado preguiçoso e pouco perspicaz para os negócios e, como já referi anteriormente, Cármen tinha planos para regressar a Portugal quando a sua situação financeira estabilizasse o que ela própria admitiu ser difícil. Também escreve frequentemente sobre as tias maternas, Santo Cristo e Hortênsia, que terão falecido junto dela com idade avançada. Havia também projectos de Natália se mudar a título definitivo para o Brasil por motivos económicos. Aparentemente, só não o fez porque lhe é reconhecida uma grande força interior para vencer as adversidades, tanto políticas como financeiras, que enfrentou. Em 1976, já divorciada, Cármen visita Natália em Portugal e juntas viajam pelo país. Seria a última vez que se iriam ver. No início dos anos 80 fala num companheiro chamado Manoel e associa-se a um culto religioso que a conduz a uma mudança quase radical na forma de pensar. As suas cartas para Natália revelam uma calma e um conformismo que contrasta de forma evidente com a sua antiga postura combativa e enérgica. Numa dessas cartas revela que durante 17 anos tinha sido espírita mas que ao fim desse tempo se tinha convertido a uma igreja. A sua última carta é de 25 de Outubro de 1988 de Santa Rita de Passa Quatro, uma pequena cidade no Estado de São Paulo. O seu paradeiro é desconhecido até hoje embora Maria Amélia Campos¹² aponte o ano de 1991 para a data da morte de Cármen Correia.

¹² CAMPOS, Maria Amélia, *A Senhora da Rosa – Biografia Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2006, p. 82. Esta informação é, segundo a autora, prestada por Vera Valadão em 27 de Setembro de 2004,

A Mãe: uma mulher de cultura.

A figura materna surge em diversas instâncias da escrita de Natália como uma temática recorrente. Vamos, pois, tentar esboçar um percurso e um perfil desta personagem tão conhecida mas pouco discutida do universo nataliano.

Maria José de Oliveira era, como já referimos, professora do ensino primário. Em 1918 casa com Manuel de Medeiros Correia. Em 1921 nasce a primeira criança do casal, Cármen, e em 1923 nasce Natália. Depois da partida de Manuel de Medeiros Correia para o Brasil, Maria José de Oliveira vê-se sozinha e com duas filhas para educar. Apesar das ajudas da família e das rendas das terras que recebe através do cunhado António de Medeiros Correia, a situação económica deteriora-se rapidamente. Mas a infância de Natália na ilha é feliz e marcante. A imagem que a autora transmite da mãe remonta a esse momento onde Ilha e Mãe se fundem para dar origem à Mulher-Poeta.

A Ilha – arquétipo da Mãe – tornou-se o eixo fundamental da obra de Natália. A autora identifica-se com a sua essência:

Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos
Minha mãe era ninfa. Meu pai chuva de lava
Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos
Sou de mim mesma pomba húmida e brava.¹³

A ilha é o local de origem que guarda todos os mistérios da terra; onde os “enxofres vulcânicos” brotam das grutas escancaradas numa alusão ao

embora omita a forma como teve conhecimento do óbito uma vez que até à data nenhum dos amigos mais íntimos de Natália Correia, pelo menos publicamente, tinha conhecimento do seu falecimento. O próprio espólio de Natália Correia não oferece pistas a este respeito.

¹³ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999. p. 215.

próprio útero materno. Trata-se, pois, de um local simbólico e mítico, de origem e iniciação.

Neste poema reconhece-se, também, o sentimento de exílio da autora porque a Ilha é, na obra de Natália, um ponto geográfico da grande viagem iniciática. A Ilha de origem – local de aprendizagem – que se converte no cais de partida em busca do Absoluto.

A figura da Mãe surge neste contexto como o cordão umbilical que une o presente com esse passado genesíaco. Ela é mediadora entre o Eu e a Infância perdida onde corporiza a figura da primeira mulher. E a infância surge como o lugar ameno e perfeito; uma quase negação da própria vida adulta uma vez que esta é apenas uma antevisão da morte, tal como nos mostrou Álvaro de Campos no poema *Aniversário*:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.¹⁴

A tomada de consciência da vida adulta como antevisão da morte irá reflectir-se na poesia de Natália Correia que toma uma forma crepuscular, sobretudo no livro de poemas *Sonetos Românticos*.¹⁵

Trata-se de uma infância que se torna mais verdadeira na sua inocência do que a construção consciente feita pelo adulto, tal como Natália Correia nos mostra na obra *Não percas a Rosa – Diário e algo mais*, onde Natália nos transporta para a intimidade da sua infância. A casa surge como um tabernáculo onde só os iniciados podem aceder:

¹⁴ Álvaro de Campos – *Livro de versos*; (intro., trans., org. e notas de Teresa Rita Lopes), Lisboa: Estampa (col. "Referência", nº3), 1997, p. 279.

¹⁵ Natália Correia, *Sonetos românticos*, Lisboa: O jornal, 1990.

A mais velha nobreza do mundo de que me lembro é o desejo do impossível com que me dotaste, Mãe.

Persigo a palavra que vibra no âmago da Ilha. É a sala. Teus dedos percorrem o teclado do piano e espalham infinitos estremecimentos. De vez em quando interrompes a música que deriva das curvas aquáticas dos teus braços e falas dos deuses. São cisnes, ananases, garças, fetos gigantes, fontes que cantam por entre os musgos. São tácteis, visíveis.¹⁶

É a palavra da Mãe que vibra em "infinitos estremecimentos" causados pelos dedos. A Mãe e a Ilha tornam-se o elemento criador que conferem à Mulher-Poeta o seu destino. Separado do seu *axis mundi* o poeta deriva nesse espaço da idade adulta e o sentimento de insularidade acentua-se. Na Ilha estamos a sonhar com o lá fora e fora dela estamos a ser chamados por ela. É uma dicotomia entre a expansão e a retracção, tal como encontramos no poema seguinte:

Mãe-ilha

Para Lisboa me trouxeram
Não de uma vez e embarcada
Minha longa matéria foi
Pouco a pouco transportada.

Recém vinda de ficada
Em morosa maravilha
Sempre a chegar a Lisboa
E sempre a ficar na ilha (...)

O aterro era um sítio que havia
Para a gente querer embarcar
Santa Maria era a pérola
Mais próxima desse colar
De países distâncias que apertam
O pescoço do insular
Que é hermafrodita de ver
O que não pode enxergar. (...)

Mãe volátil correndo
No sangue voador dos rapazes
Pela tarde dentro e eu escondida

¹⁶ Natália Correia, *Não percas a Rosa – Diário e algo mais*; Lisboa: D. Quixote (col. "Participar", nº 11), 1978, p. 16.

Entre as aspas dos ananases (...)

Mãe ilha mãe cúmulo mãe água
A pingar das telhas do sonho
Castiçal de impossíveis palavras
Tempo lírico de que disponho.

Para Lisboa me trouxeram
Mais me trouxessem daquela
Ilha de pincel durável
Que só pinta longe dela

Que há milhões de hortênsias prepara
Minha variedade de azuis.

A menina que fui agora
Vai dormir
 Mais luz!
Mais luz!¹⁷

A dimensão do ilhéu – fuga e regresso – evidencia-se nos versos “sempre a chegar a Lisboa / e sempre a ficar na ilha” como se uma parte de si mesma estivesse impossibilitada de partir. A matriz é a Ilha “No sangue voador dos rapazes”; centro inviolável e alimento dos sonhos.

Deste modo, a figura da Mãe-Ilha surge como um *topos* na obra de Natália Correia: ela é não só a origem mas também um local genesiaco onde permanecemos na infância e de onde somos expulsos na idade adulta. No caso específico do poema *Mãe-ilha*, ele demonstra uma confissão quase crepuscular do tempo em que o sujeito poético procedeu ao seu “exílio” continental mas onde procurou sempre as suas raízes de ilhéu povoadas de “ananases”, “hortênsias” e “bosques de criptomérias”.

Mas a figura de Maria José de Oliveira não surge, apenas, no plano literário da obra da autora. Ela constitui-se como uma referência porque foi

¹⁷ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999. p. 315.

não só a Mãe que educa mas também um exemplo de vida para Natália. No diário *Não percas a rosa*, a escritora dá-nos a conhecer um pouco mais da sua infância e da imagem da mãe. Numa das passagens revela:

A tarde aspergia na sala um perfume de ananases e eles chegavam. Eram os deportados políticos. Vinham da outra ilha por breves dias amenizar o exílio que a ditadura lhes fixara na Terceira. Eram quixotes de sedições malogradas. Eram os meus heróis do impossível. A massa sovada abria-se sobre a mesa e nos copos amarelejava o sumo dos maracujás que elanguesciam no quintal. Eles vinham acolher-se à tua tePIDEz de revolucionária grácil, veludosamente feminina em teus ousados e erectos pensamentos. Eras a Madona do "revirvalho".¹⁸

A casa materna de Natália era, pois, esse local de refúgio onde os perseguidos eram acolhidos, tal como, mais tarde, será a sua casa na rua Rodrigues Sampaio. Um local de liberdade e de encontro dos deportados do revirvalho. Nos Açores estiveram cerca de duzentas pessoas exiladas que gozavam de uma relativa mobilidade nas ilhas. Em 1931, eclodem uma série de revoltas que se iniciam na Madeira e que se estendem aos Açores e Guiné. Estas revoltas, que ficaram conhecidas como a Revolta das Ilhas, são controladas pelas forças de Salazar e constituirão a última grande tentativa, pelos menos nos anos mais próximos, do movimento reviralhista de pôr fim à ditadura militar que havia saído do golpe de 1926. É, pois, natural que Maria José de Oliveira convivesse e recebesse personalidades do movimento uma vez que "A mãe era a intelectual da família"¹⁹, dona de uma clareza de espírito invulgar para a época e que, desde cedo, iniciou Natália e Cármen nos salões literários que organizava em sua casa, como veremos mais adiante.

¹⁸ Natália Correia, *Ibidem*, p. 17.

¹⁹ Antónia de Sousa, *et alii*, *Entrevistas a Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2004. p. 38.

Mas as dificuldades económicas começam a surgir em 1934 e Maria José de Oliveira muda-se com as duas filhas para Lisboa onde lecciona na escola nº 23 da 10ª zona escolar, em Campo de Ourique. Talvez esta mudança não fosse apenas por motivos financeiros mas também sociais, uma vez que Maria José de Oliveira, motivada pela ausência do marido e pela falta de comunicação entre ambos, moveu um processo de divórcio que foi mal visto pela família do Manuel de Medeiros Correia. Sabe-se, por exemplo, que um dos irmãos de Manuel Correia que era padre ameaçou Maria José de Oliveira de excomunhão, caso ela levasse o processo de divórcio até ao fim. Não ficando intimidada com a ameaça, Maria José de Oliveira divorcia-se de Manuel de Medeiros Correia, invocando o abandono por parte do marido. Já em 1938 muda-se para a rua Morais Soares onde cria o colégio Lusitano. Natália afirmou, por diversas vezes, que a mãe a tinha rodeado de um ambiente intelectual e que organizava, frequentemente, serões onde se reunia a intelectualidade lisboeta. No documento 251 do processo da PIDE, Maria José de Oliveira é referenciada pelo seu pseudónimo literário: Ana Maria. Diz-nos o seguinte:

Foi em tempos directora e professora do Colégio Lusitano, na Rua Morais Soares nº58, 1º andar, no que era ajudada por sua filha Cármen. Presentemente dirige uma escola no bairro de Campolide. Não recebe visitas em sua casa, nem consta que ali tivesse havido qualquer reunião, o que daria nas vistas, pois suas filhas são constantemente vigiadas pela porteira do prédio porque nesse sentido recebeu ordens do senhorio, e [...] os outros inquilinos pretendem fazê-las sair com o pretexto de que as duas irmãs dão escândalos, o que parece não se ter provado.

Este documento data de 1 de Novembro de 1947. Entretanto, ainda em 1945, Maria José de Oliveira publica, com o pseudónimo de Ana Maria, o

seu primeiro romance, *Almas inquietas*²⁰, que a crítica recebe entusiasticamente qualificando-o como "um livro interessante, emotivo e equilibrado"²¹.

A escrita é umas das facetas menos conhecidas de Maria José de Oliveira, embora os dois romances que publicou sejam dignos de ser lidos. É forçoso, por isso, dar a conhecer um pouco do conteúdo dessas obras, ainda que numa análise breve. Por outro lado, existem alguns diálogos entre a obra de Maria José de Oliveira e Natália Correia que é importante referir.

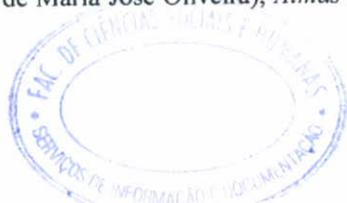
Almas inquietas (1944)

Este romance de Ana Maria tem como tema a condição da mulher na sociedade. Margarida, a protagonista, é uma mulher como tantas outras que é abandonada pelo marido. Para ela, a condição da mulher é como um teatro onde a vida íntima é exposta à opinião geral da sociedade. Mas Margarida é trocada por alguém bastante diferente dela: "- É uma mulher bastante culta e muito desprendida destas ninharias mundanas²²", uma mulher independente da influência masculina. Esta tragédia pessoal conduzirá Margarida a uma reflexão sobre a sua condição, em particular, e o papel da mulher na sociedade, desde a própria educação feminina às oportunidades profissionais, e a função da mulher no seio familiar. A educação da mulher surge como um dos primeiros elementos castradores porque o conhecimento amoroso é

²⁰ Ana Maria (pseudónimo de Maria José Oliveira), *Almas inquietas*, Lisboa: Agência editorial brasileira, 1944.

²¹ *Portugal, Madeira e Açores*; 15 de Março de 1945.

²² Ana Maria (pseudónimo de Maria José Oliveira), *Almas inquietas*, Lisboa: Agência editorial brasileira, 1944, p. 13.



vedado à mulher desde a infância. Por outro lado, critica, também, a falência de um sistema social de onde o elemento feminino é afastado:

(...) – até que um dia a sociedade, falida sob o mais grave aspecto da família, resolva encarar o problema dentro de uma clara e prática visão. Mas quando será, quando?

- Talvez quando a mulher, chamada a ocupar altos cargos sociais, que por enquanto lhe são vedados, corrija as deficiências que só ela humanamente compreende. – disse Margarida.²³

Esta perspectiva não é nova nem isolada e insere-se num movimento que, sobretudo a partir dos anos 50, exprime a problemática feminina que passa a ser exposta e definida numa literatura feita por mulheres.

Nesta fase (que corresponde a uma corrente social e política), a mulher-escritora exprime o seu protesto contra as contingências sociais que a mantiveram presa a um sistema patriarcal. Uma ética que, tradicionalmente, favorecia o homem e condenava a mulher. Mas o aparecimento de uma literatura feminina, no ocidente, é relativamente tardio e Michel Mercier atribui causas históricas e sociais para este atraso. Apesar de, no caso português, encontrarmos textos de autoria feminina anteriores ao movimento feminista, eles são, na maior parte dos casos, esporádicos e fruto de uma elite intelectual aristocrática:

(...) quand surgit le roman, ce genre par excellence indéfinissable et qui naît en Occident ou au Japon dans des sociétés aristocratiques qui, sans être féministes, n' étaient pas antiféministes (...).²⁴

Apesar da sociedade não ser antifeminista, como afirma Mercier, os textos estavam sujeitos a uma opinião conservadora o que levou muitas escritoras a adoptarem pseudónimos masculinos.

²³ Ana Maria, *Almas inquietas*, Lisboa: Agência editorial brasileira, 1944, p. 18.

²⁴ Michel Mercier, *Le roman féminin*, Paris : PUF (coll. SUP, "Littératures Modernes", n°11), 1976, p. 212.

A crescente produção de textos de autoria feminina na segunda metade do século XX conduziu à redefinição de códigos culturais na busca do Eu feminino, o mesmo Eu que outrora tinha sido calado. Agora, a vítima dá os primeiros passos no caminho que irá conduzi-la à liberdade de consciência, ou seja, à criação literária sem os condicionamentos a que anteriormente estava sujeita.

É neste sentido que se estabelecem os primeiros diálogos entre a obra de Natália Correia e Maria José de Oliveira: a preocupação com o papel da Mulher na sociedade. A partir deste momento, Natália aponta um dos caminhos que conduzirá à libertação da mulher e que passa pela assunção do feminino como um elemento fundamental na dualidade Homem/Mulher. Esta assunção manifesta-se no repúdio da masculinização da mulher para poder participar num mundo dominado pelo homem. De resto, esta é uma representação da mulher típica do Romantismo. A exaltação da mulher como objecto literário assume contornos muito específicos neste período literário. Se, por um lado, surge uma valorização da mulher como objecto de desejo, por outro lado, opera-se uma subversão do papel feminino que o irá colocar num plano familiar secundário: a mãe e esposa dedicada. O casamento e a segurança do lar diluem, quase por completo, o erotismo que o Amor pressupõe, surgindo no lugar da mulher um ser assexuado, castrado na sua sexualidade. Mesmo quando a mulher tem consciência do seu poder interior, ela surge com um perfil psicológico viril porque nela se opera uma transferência das características masculinas para as personagens femininas.

Para Maria José de Oliveira este não é o caminho da libertação porque não nega o papel de mãe no seio familiar e, numa interpretação mais lata, na própria sociedade mas a sedução e o erotismo são, para ela, uma qualidade na mulher tão importantes como os cuidados maternos:

Culpada é esta organização social defeituosa e incompleta que, exigindo à mulher preparação adequada a outras funções, a deixa entrar, inexperiente, na mais delicada de todas.

(...) Ensinam-lhe, ainda menina, os cursos de puericultura, a arte de criar os filhos – como se a mulher, ao ser mãe, não sentisse nascer em si, ao primeiro rebate da própria natureza que se desdobra, o instinto da ciência que brota da maternidade – e descuram a arte complicada e subtil de saber tratar, atrair e prender a mais leviana e caprichosa de todas as crianças – o Homem!²⁵

Uma opinião que Natália partilha e sobre o qual escreve no poema

Autogénese:

Eu nasci das balas
Eu cresci das setas
Que em prendas de sala
Me foram jogando
Os mulheres poetas
Eu nasci dos seios
Dores que me cresceram
Pomos do ciúme
Dos que os não morderam;

Nasci de me verem
Sempre de soslaio
De eu dizer em Junho
E eles em Maio
De ser como eles
Às vezes por fora
Mas nunca por dentro
Perfil de uma estátua
Que não sou de frente.²⁶

Se interpretarmos este poema à luz dos elementos já referidos, notamos uma recusa da masculinização da mulher que se manifesta, por

²⁵ Ana Maria, *Ibidem*, p. 17.

²⁶ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999, p. 242.

exemplo, na não concordância entre o determinante masculino *os* com o substantivo feminino *mulheres* e que coloca em evidência uma perversidade que se manifesta não só ao nível da interpretação do poema como também ao nível semântico e até fonético. Os atributos femininos são, para a autora, um elemento de desejo mas também um factor de reprovação por aqueles que os não alcançam, tanto homens como mulheres.

Regressando ao livro *Almas Inquietas*, ele inaugura uma temática e um interesse (pelo menos publicamente) da autora pela problemática do feminino, à qual dará continuação no seu segundo livro e artigos de opinião, que publicará em jornais e revistas. Numa das primeiras cartas enviadas a Natália depois de chegar ao Brasil, conta que pretendia escrever uma coluna intitulada *Página feminina*, onde escreveria sobre literatura feita por mulheres e, num sentido mais lato, sobre a condição da mulher nos seus aspectos etnográficos.

No ano seguinte, em 1945, Maria José de Oliveira publica o seu segundo romance *Plano inclinado*²⁷ que é considerado pela crítica como a consagração de Ana Maria como escritora.

Plano Inclinado (1945)

Poderemos assumir que este segundo livro de Ana Maria não é inovador em relação ao romance *Almas inquietas*. A problemática do papel da mulher na sociedade surge novamente nesta obra embora seja explorada a questão da educação feminina para a sexualidade. Violeta, a protagonista, é uma jovem da aristocracia rural que foi educada pela sua avó, D. Mariana, num ambiente provinciano e conservador onde o contacto com o elemento

²⁷ Ana Maria, *Plano inclinado*, Lisboa: Casa do Livro, 1945.

masculino é vedado desde a infância. O homem surge para Violeta como um elemento estranho, quase como um brinquedo de criança.

Tudo na mulher caprichosa, que sentia um prazer felino em amachucar aquele Apolo da campina, o autorizava a prosseguir. A rapariga distinta queria ver até onde podia chegar o seu poder de fascinação sobre um homem, mesmo rude, como o héracles que tremia diante dela.²⁸

Deste modo, a sexualidade de Violeta é mutilada desde a mais tenra idade. Violeta não sabe o que é o Amor. A única imagem que ela tem deste sentimento é aquela que passa pelas malhas da moral de D. Mariana e esta imagem surge na forma de um primo afastado que regressa a Portugal depois de viver vários anos na Argentina.

Esta mulher vivida era inexperiente em assuntos de amor, porque na verdade, ela nunca tinha amado. A sua inclinação por Diego, logo ao primeiro encontro, não passou de pura exaltação momentânea dos sentidos. O amor de menina fora um incentivo para a sua grande paixão de mulher.²⁹

Casam-se pouco depois de se conhecerem e mudam-se para Lisboa onde Violeta é introduzida num meio com valores diferentes daqueles com que tinha crescido na província. Enquanto o desejo sexual na província é retratado quase como algo animalesco cujo fim único é a reprodução, na cidade ele é substituído pela arte da sedução:

Em muitas das mais jovens se notavam os prenúncios de uma fecundidade que se repetia freqüente e cronologicamente, desentranhando-se nos frutos da carne que, livres de cuidados, entregavam à Natureza criadora³⁰.

Violeta começa a frequentar os salões da alta sociedade onde a sua beleza e coquetismo a colocam no centro da cobiça masculina e dos comentários femininos. Mas apesar da resistência aos avanços dos homens,

²⁸ Ana Maria, *Ibidem*, p. 36.

²⁹ Ana Maria, *Ibidem*, p. 252.

³⁰ Ana Maria, *Ibidem*, p. 47.

Violeta acaba por ceder perante a sedução de Raul, um dos amigos do marido. A partir deste momento, a vida de Violeta entra numa espiral de amor, obsessão e ciúmes. No fim, o escândalo é descoberto por Diego que se separa de Violeta e parte para a província com o filho de ambos. Violeta permanece em Lisboa tomando consciência de que tinha entrado num jogo que não poderia ganhar porque as regras eram diferentes das suas:

O gesto de Violeta, paralelo ao da varina, colocava no mesmo plano as duas mulheres de classes tão opostas...Mas entre ele e o criado a distância era enorme. E porquê? Porquê? Para que criaram os homens uma moral complexa, fora das leis da natureza por que se regem as criaturas simples, - uma moral feita de hipocrisia e de mentira que muitos desrespeitam e impõem aos outros?...³¹

Poderemos, pois, assumir que este romance é também um romance de carácter feminista, na medida em que ele se constitui como uma mensagem literária que é reflexo de uma determinada preocupação, uma visão do mundo, ainda que condicionada por factores culturais, sociais ou históricos. Poderemos, ainda, afirmar que este texto não é apenas um meio de denúncia porque ele apresenta algumas personagens-tipo que acabam por se opor aos estereótipos sociais. É o caso de D. Justina:

D. Justina era solteira, mas uma solteirona voluntária, rebelde ao casamento, ou talvez uma insatisfeita que nunca tivesse encontrado, entre os pretendentes à sua mão, o homem dos seus sonhos. Não apresentava o aspecto azedo e por vezes agressivo das celibatárias forçadas... O seu riso claro era bem o espelho de uma alma afectiva.³²

ou mesmo das primas de Violeta que, embora fisicamente menos atraentes do que a prima, conseguem ultrapassar o problema da beleza com um apurado sentido de sedução. Nesta perspectiva, Violeta é vítima de um estado de

³¹ Ana Maria, *Ibidem*, p. 243.

³² Ana Maria, *Ibidem*, p. 40.

ignorância a que foi sujeita desde a infância, situação que é partilhada com a maioria das mulheres portuguesas. Será contra este estado de ignorância que, sobretudo depois da revolução republicana, se começam a formar uma série de instituições e associações que tentarão dar voz às mulheres. Mas o surgimento destas instituições não será pacífica porque o Estado Novo criará as suas próprias estruturas que servirão de veículo aos "ideais salazaristas" da família. Os outros movimentos femininos que não partilham desta visão serão encerrados.

Já em 1948, segundo o doc. 224 da PIDE/DGS, Maria José de Oliveira é denunciada por fazer propaganda ostensiva contra o Estado Novo enquanto viajava de comboio. Esta denúncia irá resultar num inquérito em que Maria José Oliveira, Natália Correia e Cármen serão interrogadas pela polícia política. Nas transcrições do interrogatório é assinalado pela polícia o facto de nenhuma ter observações registadas no dossier do MUD. Ficamos, também, a saber que Maria José Oliveira pertenceu ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), a convite de Maria Lamas. Este conselho, criado em 1914, tinha passado por um período de quase inoperância durante a Segunda Guerra Mundial que só terminou quando Maria Lamas é eleita Presidente da direcção, em Julho de 1945.³³ Entre 1945 e 1947, data do seu encerramento por ordem governamental, Maria Lamas redefinirá as linhas de acção do Conselho, colocando em prioridade o alargamento da sua esfera de influência.

³³ Cf. Vanda Gorjão, *Mulheres em tempos sombrios – Oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa: 2002, Imprensa de ciências sociais (col. "Estudos e Investigações", nº24), 2002.

Para atingir este objectivo é lançada a “Campanha das Cinco Sócias”. É, pois, natural que Maria José de Oliveira tenha sido convidada a aderir ao conselho neste período e é também natural que tenha sido Maria Lamas a convidá-la, uma vez que frequentava as tertúlias organizadas em casa de Maria José de Oliveira.

Mas as dificuldades económicas obrigam Maria José de Oliveira e Cármen a partir para o Brasil em 1951. A escolha do Brasil como destino prende-se com o facto de Maria José de Oliveira ter vários familiares na cidade de São Paulo. A partir deste momento, as poucas notícias que temos de Maria José de Oliveira são aquelas que ela própria dá nas cartas dirigidas a Natália porque esta, apesar da figura materna estar presente em quase toda a sua obra, poucos factos reais dela nos deixou. Maria José de Oliveira escreveu artigos para diversos jornais e revistas. Em carta não-datada comunica a Natália que já tinha escrito um novo romance intitulado *Diário de uma corcunda* que estava, nesse momento, a ser lido por um editor. Infelizmente não há notícia desse romance nem em Portugal nem no Brasil porque talvez nunca tenha sido publicado. Mas Maria José de Oliveira é muito clara nas suas intenções literárias:

Caso [o romance] agrade, ele compra – 15.000\$00 pelo original afora outro direito de edição. E tenho então um verdadeiro filão a explorar (3 romances por ano que me garantem mais de 100 contos anuais). No caso negativo, desisto de escrever e entro definitivamente na reforma.³⁴

Sabemos, também, pela sua correspondência, que, mãe e filha, construíram casas que depois alugavam para terem um rendimento mensal. Numa outra carta de 1955, Maria José de Oliveira dá-nos conta da sua

³⁴ D9 / R. 1544.

intenção de regressar definitivamente a Portugal no prazo de alguns anos. Natália conta-nos nos seus escritos diarísticos que esteve com a mãe depois de esta ter partido para o Brasil e confia-nos uma relação muito particular com ela:

A última vez que a vi, ela partira havia um ano para o Brasil. Fui ao seu encontro acabrunhada de amor, e de saudades. Via-a e logo a sua pessoa me surgiu em toda a nitidez dum grupo humano a que eu não pertença. Convivemos durante uma viagem à Argentina. E minuto a minuto torturava-me a consciência de que me era muito mais fácil amá-la à distância.³⁵

Este excerto mostra-nos que a separação de 1951 não foi definitiva e que Natália terá estado com a mãe pelo menos um ano depois da separação. Por outro lado, mostra-nos que os sentimentos que Natália sentia pela mãe não se exprimiam de viva presença, o que justifica, em parte, a pouca correspondência de Natália para a mãe. Naquela que será a sua última carta, Maria José de Oliveira diz:

Não sei quantas cartas para aí sem resposta. Não compreendo o teu desprendimento. Por outra compreendo que te vais esquecendo da família...Muito triste!³⁶

Dizemos última porque Ângela de Almeida aponta o ano de 1956 (Janeiro) como o ano da morte de Maria José de Oliveira. Sendo esta carta datada de 10 de Janeiro de 1956, é forçoso deduzir que será a última ou uma das últimas cartas. Mas o facto de se apontar o ano de 1956 como o ano da morte de Maria José de Oliveira torna estranho o conteúdo de uma carta de António Quadros para Natália. Nesta carta, datada de 20 de Julho de 1969, o autor escreve:

³⁵ D9 / R. 1894.

³⁶ D9 / R. 1547.

Querida amiga: soube hoje mesmo do seu desgosto. Não quero deixar de lhe exprimir os meus sentimentos – tanto mais sinceros que v. sabe quanto sou verdadeiramente seu amigo, e quanto a personalidade de sua Mãe deixou profundos traços em “A Madona”, livro que tanto me toca.³⁷

Poderemos apenas supor que as palavras desta carta se aproximam de uma apresentação de condolências, o que apontaria a morte de Maria José de Oliveira para uma data muito posterior aquela que é referida por Ângela Almeida. Infelizmente, não encontramos mais nenhum dado que pudesse corroborar esta hipótese, nem na correspondência de Cármen nem na de Natália. Um facto se impõe e que talvez tenha levado Ângela Almeida a apontar o ano de 1956 como data da morte. É que o documento D9 / 1547 é a última carta datada do conjunto da correspondência de Maria José de Oliveira. Mas é possível que algumas cartas se tenham perdido ou que a comunicação entre ambas tivesse terminado, uma vez que existe um volume relativamente pequeno de correspondência (cerca de quatro documentos).

A figura de Maria José de Oliveira foi aquela que mais marcou a obra de Natália de Correia, embora o relacionamento entre ambas se distancie da visão romântica que nos foi dada pelos estudiosos da vida e obra de Natália. Por outro lado, tomamos conhecimento da figura histórica de Maria José de Oliveira, a sua quase esquecida faceta de escritora com um forte cunho intervencionista no movimento feminino, a Maria José de Oliveira que convivia com Maria Lamas e que pertenceu ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que privava com os intelectuais portugueses da época, entre os quais o etnógrafo Cardoso Marta, o poeta Campos de Figueiredo ou a jornalista Maria Armanda Falcão (que mais tarde se tornaria conhecida como

³⁷ D9 / R. 1686.

Vera Lagoa) ou a Maria José de Oliveira que, ainda nos Açores, acolhia em sua casa os exilados do revirinho. Num plano mais familiar, conhecemos a Mãe que tem a coragem de se divorciar do marido ausente numa época em que um acto desta natureza não era visto com bons olhos pela sociedade portuguesa do Estado Novo.

No capítulo seguinte seguiremos os passos de Natália Correia quando esta chega a Lisboa em 1934. Num primeiro momento, vamos fazer um pequeno mas essencial enquadramento histórico. É importante não esquecer que é durante a década de 30 que o Estado Novo irá alicerçar as instituições que irão garantir a sua sobrevivência até ao 25 de Abril de 1974. Natália, então com 11 anos, irá assistir à rápida ascensão das instituições salazaristas, facto que irá moldar a sua personalidade e que deixará marcas na sua obra literária.

Portugal na década de 30: clarificação e institucionalização do Estado Novo

O âmbito do nosso trabalho torna necessária uma análise sobre a ascensão e institucionalização do Estado Novo. Embora esta investigação merecesse um estudo mais aprofundado deste período histórico, vamos apontar alguns acontecimentos mais relevantes de maneira a dar uma visão panorâmica do contexto político em que Natália Correia e a sua família mergulharam quando chegaram ao Portugal continental dos anos 30.

Em 1934, Maria José de Oliveira muda-se com as filhas para Lisboa. Natália entrava na adolescência quando toma contacto com o Portugal dos anos 30. Com efeito, será nesta década que o regime político saído do golpe militar de 28 de Maio de 1926 irá cimentar as estruturas políticas, sociais e culturais que irão regular Portugal até 1974.

Apenas um ano antes da chegada de Natália Correia a Lisboa havia sido aprovada a nova constituição que punha fim à ditadura militar e que inaugurava formalmente o Estado Novo. Uma constituição que preconizava a submissão dos direitos individuais aos interesses nacionais. Em 11 de Abril de 1933, no mesmo número do Diário do Governo que publica o resultado do plebiscito que dá a vitória à constituição do Estado Novo, é publicado um decreto-lei que regulamenta a censura prévia à informação, actividade que já existia desde a ditadura militar instituída em 1926. A 29 de Agosto desse mesmo ano é criada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, a PVDE. A 23 de Setembro é publicada a legislação básica da organização corporativa e a 25

de Setembro é criado o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). Estavam, assim, instituídas as estruturas fundamentais de apoio do regime.

Mas esta consolidação do regime não foi pacífica. Restava, ainda, resolver o problema dos velhos partidos liberais republicanos que tentaram, por via revolucionária e golpista, regressar ao sistema multipartidário da República liberal. Mas as sucessivas derrotas desses mesmos partidos, o caos e a instabilidade daí resultantes acabaram por legitimar o sistema do partido único, veículo de paz e segurança, tanto social como económica, face à desordem do sistema multipartidário.

Sobre as cinzas das derrotas reviralhistas, ou sob o pretexto da permanente ameaça "regressista", foi ganhando terreno e aceitação nas classes dominantes, nas chefias militares e nos meios políticos das direitas a solução autoritária e antiparlamentar do salazarismo. Da mesma forma que foi perdendo posições na ditadura o liberalismo conservador e a sua política de diálogo com a direita dos partidos e dos políticos da I República.³⁸

Embora estes partidos constituíssem a principal frente de Oposição, não podemos esquecer que existiam outras correntes ideológicas que actuavam num sector importante da sociedade. São os movimentos operários que agiam em três organizações: o anarco-sindicalismo, o comunismo e o socialismo reformista. Estes movimentos actuavam através do movimento sindical, com uma liberdade relativa até Setembro de 1933, data em que se assiste à fascização dos sindicatos com a acção corporativa contra os sindicatos livres. Estes movimentos operários actuavam em conjunto com os partidos republicanos numa reminiscência das antigas políticas de alianças que conduziram, por exemplo, ao 5 de Outubro de 1910.

³⁸ *História de Portugal – O Estado Novo* (dir. de José Mattoso, coord. De Fernando Rosas), vol. 7, Lisboa: Estampa, 1994, pág. 206 e 207.

Mas o reforço dos meios de repressão (polícia política) e a ilegalização dos sindicatos livres conduziu ao progressivo desmantelamento dos movimentos operários com excepção da corrente comunista que, deslocando a sua luta do campo reivindicativo económico para o campo político propriamente dito, conseguiu adaptar-se às novas circunstâncias, mantendo uma actividade de Oposição mais ou menos regular. E será este reposicionamento do PCP que o tornará o eixo principal da Oposição, ainda que as correntes republicanas se mantenham fortes durante muito tempo, mesmo dentro do próprio partido.

A institucionalização do Estado Novo em 1933 marca o fim da actividade dos velhos partidos republicanos, pelo menos em Portugal, porque parte do que resta dessa actividade é deslocada para Espanha. Já em 1931, Bernardino Machado tinha reunido no sul de França um grupo de representantes exilados das várias correntes republicanas numa tentativa de reconciliação:

Aí, as figuras gradas da Liga de Paris (Afonso Costa, José Domingues dos Santos e capitão Pina de Moraes), dos "Budás" (Jaime Cortesão e Jaime de Moraes), do partido republicano português (Lago Cerqueira) e dos núcleos da Corunha (Cunha Leal) chegam a um acordo para tentar unificar política e organizativamente todas as correntes e acerca de um plano de acção revolucionária e do seu financiamento.

As divisões, na prática, continuarão. Mas a conspiração, mesmo depois da amnistia de Dezembro de 1932, reactiva-se no ano seguinte, com vários homens do "revirinho", como Sarmento Beires e o capitão Vilhena, agindo clandestinamente no interior do país.³⁹

Mas as tentativas "revirinhistas" são desmanteladas à nascença através da polícia política. Depois da amnistia de 1932, alguns elementos, sobretudo da ala mais conservadora, regressam a Portugal entre os quais se destacam

³⁹*Ibidem*, p. 227.

Cunha Leal, Ribeiro de Carvalho e António Sérgio que, em 1935, tentam uma aliança com Rolão Preto – figura cimeira da corrente italiana em Portugal – numa desesperada união de intenções. Os esforços da oposição republicana concentram-se na tentativa de uma sublevação militar (com o apoio dos antigos oficiais republicanos entretanto afastados das forças armadas pelo Estado Novo), mas a polícia política age rapidamente, prendendo e deportando os envolvidos. O golpe final no “reviralhismo” é dado em 1938, depois da PVDE deter 136 pessoas na sequência de uma outra tentativa revolucionária:

Era o fim. Os homens do revirinho, a quem o peso dos anos, das privações, das deportações e das prisões não parecia cansar, teriam de esperar sete ou oito anos, ou seja, pelo pós-guerra, para voltar às lides conspiratórias.⁴⁰

Como podemos verificar por esta breve introdução, a ascensão do Estado Novo e a sua consolidação não foi pacífica. Os velhos partidos republicanos e os movimentos operários e sindicais cerravam fileiras contra o golpe de 28 de Maio. Em última análise, poderemos afirmar que as ideologias da I República nunca chegaram a desaparecer, ainda que fossem silenciadas durante alguns anos por força da repressão.

É dentro deste cenário que Natália Correia chega a Lisboa e ingressa no Liceu Filipa de Lencastre de onde será expulsa algum tempo depois. Natália explicou, anos mais tarde, o motivo desta expulsão:

Estive no liceu e fui expulsa porque me recusei a fazer o caderno diário...Não aceitei essa disciplina que me era imposta de fora, como não aceito nenhuma que me seja imposta, sem que me demonstrem a razão dela.⁴¹

⁴⁰ *Ibidem*, p. 229.

⁴¹ Antónia de Sousa *et alii*, *Entrevistas a Natália Correia*, Lisboa: 2004, Parceria A.M.Pereira, pág.55

Será difícil, actualmente, apurar a veracidade destas afirmações, uma vez que Natália Correia se esforçou por construir uma imagem quase mítica de si própria. Mas alguns académicos avançam com uma outra hipótese: Natália foi expulsa porque a sua mãe não autorizou o ingresso na Mocidade Portuguesa Feminina. Esta instituição, criada em 1938, exercia uma acção directa nas escolas e liceus e assumia-se como um complemento da formação escolar:

(...) A MPF [Mocidade Portuguesa Feminina] pretendia promover a educação moral, social, religiosa e nacionalista das raparigas, estudantes ou não, dos 7 aos 14 anos, formando-as na "consciência da Pátria e da Nação" (artigo 9º dos estatutos).⁴²

Até ao princípio dos anos 50, altura em que o ingresso na instituição passou a ser voluntária (ainda que a sua recusa fosse alvo de marginalizações), a inscrição era coerciva.

A partir deste momento só poderemos especular sobre os acontecimentos: Natália Correia, então com quinze anos e filha de pais separados, é vítima de discriminação por parte da escola e, possivelmente, até dos colegas. Expulsa ou retirada voluntariamente pela mãe, Natália acompanha as actividades escolares no recém-formado Colégio Lusitano. Maria Amélia Matos afirma na biografia ⁴³de Natália Correia que esta recusa, aliada ao facto de Maria José de Oliveira ter pedido isenção do pagamento de propinas, pode ter motivado a expulsão.

⁴² Vanda Gorjão, *Mulheres em tempos sombrios – Oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa: 2002, Imprensa de ciências sociais (col. "Estudos e Investigações", nº24), p. 79.

⁴³ Maria Amélia Campos, *A Senhora da Rosa – Biografia Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2006, p. 36.

É também neste período que deflagra o conflito da II Guerra Mundial. Ainda que o Presidente do Conselho declarasse Portugal como um país neutral, Salazar é alvo de pressões tanto do lado Aliado como do lado alemão: a Inglaterra institucionaliza um bloqueio continental declarando Portugal e Espanha como países “neutros adjacentes ao território inimigo”.⁴⁴ Por outro lado, a França já tinha capitulado e o exército alemão encontrava-se nos Pirinéus. Começa, neste período, uma longa batalha diplomática e económica para a manutenção da neutralidade portuguesa. Esta batalha não será sempre bem conseguida e Salazar terá de fazer concessões (tanto à Alemanha nazi como aos Aliados). Mas o bloqueio económico faz-se sentir na escassez de produtos alimentares e matérias-primas.

Trata-se de um período que Natália Correia recordará mais tarde no livro *O vinho e a lira* (1966):

(...)
Eu nasci de haver
os bairros de lata
do dedo que escapa
dos sapatos rotos
da fome que mata
o que quer nascer
e que o sábio guarda
em frascos de aborto;

eu nasci de ver
cheirar e ouvir
dum odor a mortos
(judeus enlatados
para caberem mais
mas desinfectados)
pelas chaminés
nazis a sair
de te ver passar
de me despedir

⁴⁴ *História de Portugal – O Estado Novo* (dir. de José Mattoso, coord. De Fernando Rosas), vol. 7, Lisboa: Estampa, 1994, p. 273.

de teus olhos tristes
como se existisses.
(...)⁴⁵

Neste poema intitulado *Autogénese*, a autora recorda não só a miséria decorrente da II Guerra Mundial, como os horrores nazis. De facto, como o próprio título indica, o poeta é a génese de si próprio: "A gente só nasce / quando somos nós / que temos as dores".⁴⁶ E estas são as dores do parto que fizeram a Natália-Poeta nascer: a tomada de consciência de um mundo onde não havia liberdade nem democracias. São imagens de quotidiano urbano que revelam uma consciência social à qual não será alheia a influência do cinema novo que Dórdio Guimarães dará a conhecer a Natália, mais tarde.

Natália no final da adolescência toma o pulso a uma realidade diferente daquela que Salazar queria fazer passar ao mundo quando, em 1940, inaugura a Exposição do Mundo Português (da qual existem dezenas de fotografias no espólio de Natália Correia).

Em 1942, então com 19 anos, a autora casa-se com Álvaro dos Santos Dias Ferreira ⁴⁷, um jovem de origem açoriana do qual pouco se sabe. É provável que este primeiro casamento de Natália fosse a concretização do primeiro amor ou, como ela recorda:

Nascitura estava
Sorria e jantava
E um beijo me deste
Tu Pedro ou Silvestre
Turvo namorado
Do verão ou do Outono
Hibernal afecto

⁴⁵ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999, p. 242 e 243.

⁴⁶ Natália Correia, *Ibidem*, p. 241 e 242.

⁴⁷ Ana Paula Costa refere na fotobiografia de Natália Correia que Álvaro dos Santos Dias Pereira era tabelião de um tribunal.

Casca azul do sono
Sem unhas do feto.⁴⁸

A autora lembra-nos, neste poema, o momento em que é seduzida pelo primeiro amor mas a imagem do amado esbate-se na memória. O “turvo namorado” surge numa forma quase espectral, indefinível. O tempo em que é colocado revela-se uma fronteira “do verão ou do Outono” que, biograficamente, corresponde à data do primeiro casamento – 14 de Setembro.

Em 1944, Natália torna-se locutora do Rádio Clube Português. É a sua estreia no jornalismo, actividade que cultivará paralelamente às letras até ao final da vida.

O final da II Guerra Mundial marcará o início do envolvimento político de Natália com os movimentos de Oposição. Com a vitória dos Aliados e, conseqüentemente, dos sistemas democráticos, assistimos a um reanimar das esperanças dos movimentos de oposição ao regime que, não tendo desaparecido por completo, tinham sofrido rudes golpes através dos aparelhos de repressão do Estado Novo. Na verdade, a aproximação do fim do conflito mundial tinha já provocado um renovar de forças. Em consequência disso, os antigos partidos republicanos haviam sido alvo de uma regeneração que se caracterizava, principalmente, pelo aparecimento de uma nova geração de políticos opositoristas formados pelas lutas académicas de finais de 1941.

É precisamente em 1945 que encontramos testemunho dos primeiros envolvimento de Natália Correia na política. Eis o que nos diz Mário Soares:

⁴⁸ Natália Correia, *Ibidem*, p. 241 e 242.

[Natália Correia] Pertencia então ao recém-criado e efémero Partido Trabalhista, para aproveitar a aura de vitória do trabalhismo inglês, onde pontificavam figuras tão díspares como Lello Portela, director do semanário *Sol*, Vasco da Gama Fernandes, o eterno conspirador Capitão Vilhena e um advogado então muito activo, politicamente, Castanheira Lobo, secretário-geral do partido, divertidíssimo, com o qual, anos depois, estive preso no Aljube.⁴⁹

Este efémero partido acabou por integrar-se, em 1947, no Partido Socialista Português que era dinamizado, na altura, por António Sérgio.

Mas recuemos um pouco no tempo para contextualizar o ambiente político do início dos anos 40 para entendermos o aparecimento destes novos partidos. Como já referimos, a Oposição ao Estado Novo era, essencialmente, feita pelos velhos partidos republicanos da I República e pelo Partido Comunista Português (PCP), cada um com as suas áreas específicas de actuação (o meio militar para o primeiro e o operariado para o segundo). Mas as violentas repressões de finais dos anos 30, juntamente com a Censura e a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), tinham forçado à clandestinidade uns e ao exílio outros. Quando eclode a II Guerra Mundial e Salazar declara a neutralidade, embora colaborante como sabemos hoje, a Oposição inicia manobras para que o sistema político de Salazar seja visto (ou mesmo declarado) como um país simpatizante com os regimes totalitários beligerantes na esperança de que o Estado Novo seja derrubado ou, pelo menos, fortemente penalizado pelos países aliados. As esperanças caem por terra quando é assinado o pacto anglo-português de cedência da base das Lages, nos Açores. Todavia, a plataforma de intenções estava lançada e a união de esforços materializa-se quando é constituído o Conselho Nacional

⁴⁹ Ângela Almeida, *Retrato de Natália Correia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 5.

Anti-Fascista (MUNAF). O movimento, apesar da sua imagem exterior de coesão, revelou-se, em si, bastante ineficaz porque no seu interior as diversas facções políticas disputavam influências e respectivos papéis num cenário pós-salazarista, isto é, depois do derrube do regime. Deste modo, o MUNAF não termina nem é encerrado pelo regime, apenas desaparece por sua própria inacção. À margem desta união de esforços (e agrupando elementos do próprio conselho e outros elementos oposicionistas) começa a surgir um novo movimento – o Movimento de Unidade Democrática (MUD). A adesão ao MUD foi maciça e entusiástica reunindo, em pouco tempo, milhares de assinaturas em todo o país. Ângela Almeida⁵⁰ afirma que Natália terá assinado as listas de adesão ao MUD, embora o documento 224⁵¹ dos arquivos da PIDE e datado de 12 de Maio de 1948 registre o facto de não haver ficha nem de Natália, nem de Maria José Oliveira ou de Cármen no processo do MUD.

Mas a dúvida da integração da assinatura de Natália nas listas do MUD torna-se irrelevante perante a acção de Oposição que Natália realizará contra o Estado Novo. As listas de assinaturas são publicados em diversos jornais e revistas, simpatizantes da Oposição (*República*, *Seara Nova* entre outros) que destacam o apoio, principalmente, dos profissionais liberais e dos intelectuais.

Entre os escritores que prontamente manifestaram concordância com o “movimento democrático de campanha pelas eleições livres” encontravam-se José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro, Miguel Torga, Joaquim Namorado, João José Cochofel, Mário Dionísio, Fernando Lopes-Graça, António Navarro, Edmundo Bettencourt, Manuel Mendes, Irene Lisboa; José Gomes Ferreira, José Bacelar, Afonso Duarte, Olavo d’Eça Leal e Vitorino Nemésio, entre outros.⁵²

⁵⁰ Cf. Ângela Almeida, *Retrato de Natália Correia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

⁵¹ SC SR 462/44

⁵² *História de Portugal – O Estado Novo* (dir. de José Mattoso, coord. De Fernando Rosas), vol. 7, Lisboa: Estampa, 1994, p. 273.

O peso do sector cultural levará o MUD a criar a Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos que Natália integrará mais tarde.

Neste mesmo ano Natália Correia publica o seu primeiro romance *Grandes aventuras de um pequeno herói: romance infantil*.⁵³ Esta primeira obra de Natália, embora classificado como um romance infantil, revela nas suas entrelinhas um objectivo político de apelo à união contra a tirania dos regimes autoritários. A personagem principal é Raul, uma criança que cedo toma consciência da tirania do Rei que governa o seu país. Indignado com a miséria do seu povo e a riqueza contrastante do tirano, decide derrubar o regime. Para alcançar tão árdua tarefa, Raul vai correr mundo conquistando amigos e aliados que o ajudarão, por fim, a derrubar o Rei.

Embora o enredo simples deste romance seja idêntico a muitos outros contos infantis, as analogias entre a ficção e a realidade histórica estabelecem-se quase imediatamente: em primeiro lugar, encontramos a figura do tirano, "O rei, severo e autoritário, trazia a pequena população escravizada sob o pêso de uma infinita crueldade"⁵⁴, e, em segundo lugar, encontramos uma caracterização dos instrumentos de repressão, "E se alguma voz se levantava para gritar o seu protesto, logo baixava sobre a cabeça rebelde o cutelo do carrasco!"⁵⁵. Deste modo, a enigmática frase que serve de mote ao livro torna-se clara e transforma-se numa mensagem de intervenção: "Este romance ensina as crianças a tornarem melhor o mundo de amanhã."

⁵³ Natália Correia, *Grandes aventuras de um pequeno herói: romance infantil*, Porto: Astra, 1946.

⁵⁴ Natália Correia, *Ibidem*, pág. 5.

⁵⁵ Natália Correia, *Ibidem*, pág. 6.

Ainda neste ano, Natália Correia inicia a sua colaboração no jornal *Portugal, Madeira e Açores* onde se lhe referem como sendo “uma senhora que possui dotes invulgares de talento, de energia e coração”.⁵⁶ Entre os muitos artigos que escreve para este jornal (muitos sobre os direitos das mulheres e sobre política internacional), destaco o conjunto de entrevistas intituladas “Como os insulares de hoje vêem as ilhas de amanhã”, onde Natália tem a oportunidade de contactar e entrevistar uma série de personalidades, como por exemplo Maria Lamas, ou ainda o advogado Castanheiro Lobo que Natália havia já conhecido no breve Partido Trabalhista.

Em 1946, então com 23 anos, publica o seu segundo romance *Anoiteceu no bairro*.⁵⁷ Este romance, mais complexo que o primeiro, revela já uma maturidade literária precoce. As influências da expressão poética do quotidiano de Cesário Verde e a complexidade temporal dos romances contemporâneos fundem-se para nos conduzir por uma galeria de personagens em que se destaca Luíza, uma mulher que consegue vencer e ultrapassar a sua condição de mulher com a sua força interior, numa luta contra os preconceitos sociais que se universaliza, tornando-se metáfora da luta feminina.

A 22 de Novembro desse mesmo ano, a Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas do MUD envia uma carta ao Presidente da República protestando contra a falta de liberdade e exigindo a democratização do país. Esta carta surge da decepção generalizada em relação à manutenção de uma situação política que se tinha tornado anacrónica com a vitória dos Aliados na

⁵⁶ *Portugal, Madeira e Açores*, 17 de Março de 1945.

⁵⁷ Natália Correia, *Anoiteceu no bairro: romance*, Lisboa: Casa do Livro, 1946.

II Guerra Mundial. A Oposição tinha ganho um novo fôlego com a vitória do sistema democrático sobre os regimes totalitários: os sectores mais radicais esperavam uma intervenção (mesmo militar) do exterior e os mais moderados apostavam na pressão diplomática internacional sobre o Presidente da República para que este demitisse o Presidente do Conselho e convocasse eleições. De facto, o final do conflito tinha levado Salazar a moderar o seu discurso e chegou mesmo a prometer eleições livres. Uma atitude que se revelaria um engodo para a Oposição. É na sequência destes acontecimentos que a Comissão envia uma carta ao Presidente da República:

Ao lado de 200 homens, contam-se apenas 8 mulheres: além de Irene Lisboa, as escritoras Alice Gomes e Manuela Porto, as pintoras Maria Clementina Carneiro de Moura e Maria Keil do Amaral, a jornalista Natália Correia, a escultora Maria Barreira e a pianista Maria da Graça Amado da Cunha.⁵⁸

A partir deste momento Natália Correia torna-se um dos alvos da polícia política, sendo vigiada regularmente.

Em 1947, Natália trava conhecimento com Lello Portela, então director do semanário *Sol*, e passa a colaborar neste jornal que reunia outros nomes como Maria Archer e João Gaspar Simões. Neste semanário, Natália escreve, sobretudo, artigos sobre política internacional. Mas foi também nas páginas deste jornal que publicou uma série de artigos intitulados "Breve história da mulher" (coligidos e reeditados em 2003)⁵⁹. Estes artigos falam da condição e situação da mulher nos seus mais diversos aspectos (social, económico e cultural). O interesse de Natália por este tema (embora muito anterior a esta data) não deve ser dissociado do ressurgimento do Conselho Nacional das

⁵⁸ Vanda Gorjão, *Mulheres em tempos sombrios: oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (Estudos e investigações, 24), 2002, p. 189.

⁵⁹ Natália Correia, *Breve história da mulher e outros escritos* (ed. de Zetho Cunha Gonçalves), Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2003.

Mulheres Portuguesas (CNMP). Com efeito, em 1945, Maria Lamas é eleita presidente do CNMP e inicia um período de activismo mais concreto que irá durar até 1947, data da sua extinção por decreto governamental. Natália já tinha tido contactos com Maria Lamas e, inclusivamente, tinha-a entrevistado em Maio de 1946 para o jornal *Portugal, Madeira e Açores*. Em Fevereiro de 1946, o Conselho tinha enviado uma comissão ao Presidente da Assembleia Nacional com uma exposição sobre a situação do voto feminino e a lei eleitoral. Mais uma vez, Natália revela-se uma mulher de coragem e fala sobre este assunto nas páginas do jornal:

Mas agora que acabamos de assistir à heróica experiência feminina posta à prova na última guerra, agora que em todos os países civilizados se define o espírito de colaboração entre os dois sexos, agora que a mulher adquiriu mais vastos direitos políticos, aparece um decreto-lei marcando um lamentável retrocesso na mentalidade portuguesa.

Por essa disposição foi retirado o direito de voto à mulher casada.

Será que esta ao abandonar a sua qualidade de solteira perdeu a faculdade de pensar?⁶⁰

Esta opinião divergia da ideologia do Estado Novo que conceptualizava a mulher no espaço doméstico, sujeita à figura tutelar do marido ou do pai, retirando-lhe qualquer papel na esfera política, mesmo a mais elementar como é o direito ao voto.

Enquanto que ao homem cabia a primeira esfera, e a sua integração se fazia por meio de sindicatos nacionais corporativos em conjugação com os grémios, à mulher competia a esfera do doméstico e a sua integração estava associada ao cumprimento das funções de mãe e de esposa e das tarefas de manutenção do lar e educação dos filhos, em estreita obediência à autoridade do marido, chefe de família.⁶¹

⁶⁰ Natália Correia, “À volta da nova lei eleitoral nos parágrafos que se referem à mulher” in *Portugal, Madeira e Açores*, 10 de Março de 1946.

⁶¹ Vanda Gorjão, *Mulheres em tempos sombrios: oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (Estudos e investigações, 24), 2002, p. 98.

Movida por este sentimento de injustiça social, Natália empenha-se activamente, a partir de 1946/47, na política da Oposição. As suas intervenções visam, sobretudo, a denúncia da situação da mulher na sociedade e a defesa da liberdade de expressão, principalmente na cultura.

Entretanto, publica em 1947 o seu primeiro livro de poesia, *Rio de nuvens*, que Natália explicará, em 1993, na Introdução à sua *Poesia Completa*, como tendo sido alvo de alterações:

"(...) a escolha feita pelo poeta [Campos de Figueiredo] hoje esquecido mas então encartado e amigo da família que, empenhado na sua publicação, deles expurgou os poemas que me eram mais caros por considerá-los metafísicos e de grandiloquência dramática levou-me a bloquear a sua distribuição"⁶²

Natália inicia também a sua luta junto dos sectores republicanos de Oposição. Em 10 de Abril de 1947 ocorre uma nova tentativa de golpe militar que é rapidamente abortada pelas forças do Governo. Entre os implicados encontravam-se, por exemplo, João Soares e Castanheira Lobo. Natália e Cármen são implicadas no golpe pela PIDE:

As duas epigrafadas Carmem e Natália eram as duas locutoras que acompanharam o Dr. Duarte Furtado Castanheira Lobo (Lobo) ao Entroncamento afim de prestarem serviço na emissora do "Serviço de Libertação Nacional" no movimento revolucionário que esteve para eclodir em 10 de Abril de 1947.⁶³

Não existe nenhuma referência nos processos de que Natália ou a irmã tenham sido objecto de investigação, mas se Natália estava, até esta data, sob vigilância da polícia política, a partir deste momento todos os seus passos são seguidos atentamente. Sobretudo porque alguns dos implicados neste golpe

⁶² Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999, p. 32.

⁶³ SC SR 462/44; doc. 252.

(incluindo Natália) gravitavam em torno da organização "Fraternidade Operária de Lisboa". Do corpo directivo faziam parte figuras como Ramada Curto (Presidente), Natália Correia (Vogal) ou António Sérgio (Vogal). Faziam também parte da organização Castanheira Lobo, Velez Grilo, entre outros.

(...) há palestras culturais para os associados; estas palestras tem-se efectuado com regularidade, proferindo-as os agremiados do sector intelectual como António Sérgio, Natália Correia, Ramada Curto, etc...⁶⁴

Em 1948, Natália Correia trabalha na firma "Amadores de Livros Lda.". Segundo relatório da PIDE, esta empresa tem como principal actividade a troca de imprensa tanto portuguesa como estrangeira. É também neste relatório que recolhemos um retrato particularmente interessante de Natália, tanto pelas palavras usadas como pela fonte das mesmas. Assim se refere o chefe de brigada à autora:

A Natália é uma rapariga de 24 anos, divorciada, inteligente, vivida, com excepcional desembaraço, elegantemente vestida e atraente, pelo que reúne todas as qualidades para conseguir aquilo que quer.⁶⁵

Ficamos, pois, a saber que Natália já se tinha divorciado do primeiro marido – Álvaro dos Santos Dias Pereira – com quem tinha casado em 42. Também podemos confirmar, por este relatório, que a personalidade forte e decidida de Natália não é fruto de uma longa experiência de vida. É possível que lhe viesse já da infância.

Com efeito, Natália recorda a infância como uma fase a-poética na vida do ser humano e a sua infância é tomada como um período de aprendizagem onde as brincadeiras eram aproveitadas para investigar o espírito dos adultos:

⁶⁴ SC SR 462/44; doc. 216.

⁶⁵ SC SR 462/44; doc. 242.

A minha memória tropeça numa primordial curiosidade de fenómenos genéticos. Precocemente elucidada, não brinquei aos jantarinhos e canalizei a minha fogosidade infantil em pregar partidas de toda a espécie.⁶⁶

Entretanto, são anunciadas eleições presidenciais para o início de 1949. Estas eleições surgiram para a Oposição como mais uma oportunidade de minar a estabilidade do Regime. A escolha do candidato da Oposição recaiu sobre o General Norton de Matos que, embora unindo diversos sectores da Oposição, não conseguiu um apoio unânime ficando de fora o Partido Republicano Português e Cunha Leal. Na verdade, segundo um relatório da PIDE⁶⁷, Cunha Leal irá organizar uma lista de Oposição com o apoio de Vieira de Almeida e Rolão Preto. O nome de Natália Correia surge nas listas deste partido como vogal. Mas em 1949, Natália apoia publicamente o General Norton de Matos ao lado de nomes como Adolfo Casais Monteiro e Maria Lamas. O apoio traduz-se, sobretudo, em diversas acções de propaganda juntamente com palestras e sessões de esclarecimento.

Em 1949, Natália Correia casa-se em segundas núpcias com o norte-americano William Creighton-Hillen, em Tânger. Não existe averbamento na certidão de nascimento de Natália deste casamento⁶⁸ e muitos afirmam que se tratou de mais um acto passional e irreflectido de Natália, fruto de uma zanga com Alfredo Machado, um abastado homem de negócios com quem casará mais tarde. O casamento com o norte-americano é efémero mas Natália ainda visita os Estados Unidos, reunindo apontamentos para aquela que seria a sua primeira incursão conhecida na escrita diarística. Este caderno de viagens é

⁶⁶ Texto 32.

⁶⁷ Cf. SC SR 462/44; doc. 171.

⁶⁸ Cf. Victor de Lima Meireles, *Natália Correia: subsídios para a genealogia*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 1994.

publicado em 1951 com o título *Descobri que era europeia – impressões duma viagem à América*⁶⁹ e constitui-se como uma referência na obra da escritora, uma vez que através dele podemos avaliar o tipo de escrita que Natália considerava “diarística” ou “caderno de viagens”.

Descobri que era europeia (1951)

Vale a pena abrir um pequeno parêntesis no nosso trabalho para reflectirmos um pouco sobre este primeiro caderno de viagens e sobre a sua importância na obra de Natália Correia, ainda que a curiosidade pelos textos autobiográficos e diarísticos se insira num interesse contemporâneo pelas autobiografias de desconhecidos e relatos pessoais de figuras públicas. Mas o diário, e outros escritos de carácter autobiográfico, assumem uma importância cada vez maior tanto no estudo da História como nos estudos literários.

Poderemos começar por dizer que o diário tem como primeira função assegurar que uma série de acontecimentos situados temporalmente fiquem registados, garantindo a conservação e perpetuação de memória. Mas o registo escrito de uma vida conduz, inevitavelmente, a um “impasse” porque, como afirma Clara Rocha:

A vida não cabe num livro, e o tempo, por um lado, e a própria escrita, por outro, são agentes duma erosão que resume a existência (...).⁷⁰

Não é apenas a escrita que está sujeita a um processo de “erosão” porque a própria memória também é condicionada por uma selecção. As memórias situam-se no espaço entre aquilo que queremos contar e a

⁶⁹ Natália Correia, *Descobri que era europeia: impressões de viagem a América*, Lisboa: Portugal, 1951.

⁷⁰ Clara Rocha, *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra: Almedina, 1992, p. 26.

perspectiva com que vemos os acontecimentos. Deste modo, a forma como exprimimos ou colocamos por escrito os factos da memória é condicionada por factores linguísticos e psicológicos.

Este impasse, que se revela na escrita diarística e autobiográfica, decorre do facto da escrita não conseguir transmitir todos os acontecimentos e impressões que, insituáveis no tempo e no espaço, contribuem para a formação do indivíduo. Incluem-se nesta categoria, por exemplo, as memórias de infância e, numa interpretação mais generalizada do assunto, a própria circunstância tanto temporal como espacial em que somos educados. Neste sentido, o diário e outros textos de carácter autobiográfico têm uma função didáctica enquanto documentos históricos. Esta função didáctica é expressa no próprio título da obra – *Descobri que era europeia*. A autora, perante uma sociedade com valores e pensamentos tão diferentes daqueles que tinham moldado a sua personalidade e modo de agir, rende-se à evidência de uma herança cultural europeia.

Mas regressando à questão da escrita diarística, é importante notar que o diário é um elo que une dois lugares distantes, tanto no espaço (como os cadernos de viagem), como no tempo (como é o caso da escrita memorialística). A escrita diarística não só actualiza o pensamento de Natália como também presentifica os lugares e acontecimentos importantes da sua vida porque eles não constituem apenas um caderno de confidências. Eles estão, sobretudo, voltados para o exterior e albergam impressões de viagens, reflexões políticas, estéticas e morais, não constituindo nenhuma forma de expiação ou arrependimento como os textos confessionais de matriz cristã (as



Confissões de Santo Agostinho ou os escritos de Santa Teresa de Ávila) e também não constituem, no sentido mais restrito da palavra, um itinerário espiritual porque o seu *axis mundi* dilui-se na observação do outro.

É esta ausência de um centro no seu universo autobiográfico que nos mostra que os textos diarísticos não são de si nem sobre si. Neste aspecto, o seu olhar aproxima-se mais de uma observação antropológica e o seu registo assemelha-se a um "diário de campo" mas deixa sempre entrever, nas linhas incisivas com que escreve, as suas angústias, preocupações ou reparos à sua própria intimidade. Natália não se justifica porque os acontecimentos importantes da sua vida pessoal não são expostos nem desenvolvidos:

Se narrasse os factos da minha vida, não faria mais do que pôr em letra redonda aquilo que os outros conhecem da sua própria vida e não têm coragem para contar.⁷¹

Mas através da sua escrita deixa-nos um testemunho vivo do séc. XX. Natália Correia teve a oportunidade de conhecer a sociedade norte-americana que contrastava fortemente com a sociedade fechada e cinzenta do Estado Novo nos anos 50. Deste modo, a autora observa, comenta e regista a sociedade como uma experiência mas não esconde a sua imparcialidade nem o seu olhar impressionista e por isso afirma: "Este livro sou eu."⁷² As suas impressões são filtradas pelas experiências pessoais.

Tento contar o que vi, como as crianças que se perderam na floresta e descrevem, no regresso, as árvores, os animais, os ruídos, as luas e as sombras exageradas dos seus medos.⁷³

Os cenários e as personagens que Natália vê são hiperbolizados pelo seu espírito crítico. No prefácio da obra, a autora justifica a sua própria escrita

⁷¹ D 9 / Cx. 61/ R. 1894.

⁷² Natália Correia, *Descobri que era europeia: impressões de viagem a América*, Lisboa: Portugalia, 1951, p. 10.

⁷³ Natália Correia, *Ibidem*, p. 9.

porque tem consciência da sua parcialidade e desculpa-se com o facto deste registo não ser premeditado. Deste modo, assume os espaços em branco que povoam a sua memória, aquilo que fica depois da luz e das trevas, como ela própria assinala:

Não posso recapitular a linha da nossa conversa, porque ela foi irregular e sempre envolvida em remoinhos. Sei que guardo boa memória da clareza das suas exposições.⁷⁴

A erosão da memória apodera-se da escrita. Os acontecimentos sucedem-se como quadros que desfilam em frente dos seus olhos e a autora regista e tira as suas conclusões. Mas Natália não esquece o seu próprio país comparando-o com a moderna sociedade norte-americana:

À primeira vista chego a convencer-me de que tenho uma prevenção contra os Estados Unidos. Não é verdade. Isso seria uma débil atitude mental para quem, como eu, se propõe analisar.⁷⁵

E Natália procede a essa análise de costumes, da moral e mesmo do inconsciente português.

Comparando-as com as desmaiadas solteironas da nossa sociedade, a quem um falso conceito de orgulho e de dignidade enclausura voluntariamente no cenóbio da renúncia, não posso deixar de louvar esta afirmação de independência e de direito à vida.⁷⁶

A viagem de Natália Correia aos Estados Unidos revela-se uma experiência importante que irá contribuir para a construção da sua personalidade e a forma como ela própria se definiu em relação aos outros. A autora recordará frequentemente este momento ao longo da sua vida. Em 1983, Natália evoca:

⁷⁴ Natália Correia, *Ibidem*, p. 96.

⁷⁵ Natália Correia, *Ibidem*, p. 21.

⁷⁶ Natália Correia, *Ibidem*, p. 80.

Em relação há 30 anos quando cá estive e me horrorizei o suficiente para escrever o *Descobri que sou europeia*, tem a mais (ou a menos) o computador que é o prolongamento da sua imbecilidade.⁷⁷

O passaporte regista o regresso desta primeira viagem aos Estados Unidos alguns meses mais tarde (entre Junho e Outubro) e, nesse mesmo ano, realiza ainda uma viagem a Espanha que regista num caderno ainda inédito. Mais uma vez, as vidas desfilam perante os olhos de Natália embora a autora, neste texto, exponha um pouco mais o seu pensamento e os sentimentos provocados pelos locais e personagens com que toma contacto.

Dentro em pouco ia abandonar Córdoba com um sentimento de culpa. A escassez de tempo não permitira prestar à sultana a recolhida e demorada atenção que ela legitimamente reclama.⁷⁸

Este caderno terá sido escrito enquanto Natália redigia e trabalhava os manuscritos de *Descobri que era europeia: impressões de viagem a América*. Tendo em conta o pouco volume de textos diarísticos e uma certa aversão que Natália Correia tinha ao registo metódico e disciplinado que exige o diário, é de acreditar que a autora terá redigido este caderno de viagens ainda sob o impulso do *Descobri que era europeia: impressões de viagem a América*. Mas este segundo caderno revela já uma das características da escrita diarística e autobiográfica da autora: Natália não se preocupa em situar os acontecimentos nem no espaço, nem no tempo, o que, de certa forma, inverte o esquema tradicional da escrita diarística onde a narração dos factos é intercalada com a enunciação. Neste aspecto, este caderno de viagens acaba por ser mais íntimo do que *Descobri que era europeia*. Talvez por este motivo Natália o tenha guardado e o tenha mantido inédito. No fim do texto, o leitor

⁷⁷ D9/ Cx. 76 / R. 1897.

⁷⁸ D9/ Cx. 76 / R. 1900.

não sabe quanto tempo durou a viagem e, por vezes, nem em que época se realizou. Os temas e pessoas que percorrem a escrita de Natália tornam-se intemporais na justa medida em que uma personagem ou um tema podem ser intemporais. Mas se a autora compara, por exemplo, o camponês alentejano ao camponês espanhol tentando estabelecer as diferenças culturais ou traçar um perfil psicológico dos mesmos, então Natália recorre a um tipo de registo que se assemelha ao do diário de campo.

Na fotobiografia publicada em 1994, Ângela Almeida aponta o ano de 1949 como o ano de divórcio/separação de Natália e de Bill. Numa das cartas que Maria José de Oliveira dirigiu à filha, diz:

Um grande abraço de felicitações por já estares com a tua situação quanto ao Bill completamente organizada. Os mesmos parabéns não posso endereçar ao teu ex-marido, que passa a ser marido de uma meia mulher...Desgraçado!⁷⁹

Como já referimos anteriormente, Maria José de Oliveira parte para o Brasil em 1951 e apesar de a carta não estar datada, poderemos deduzir que Natália esteve casada com Bill de 1949 a 1951 o que perfaz 3 anos de casamento e não apenas alguns meses, como lhe é apontado. Por outro lado, este excerto torna os motivos da separação enigmáticos. Poderemos deduzir das palavras de Maria José de Oliveira que houve uma traição da parte de Bill? O interesse deste pormenor é relativo quando o colocamos num mesmo plano com a vida de Natália. Serve, talvez, para mostrar que Natália Correia era uma pessoa normal com os seus próprios dramas pessoais. Um dado de relativo interesse é o documento que Ana Paula Costa reproduz na fotobiografia onde

⁷⁹ D9 / R. 1544.

William Creighton Hyler certifica que recebeu de Natália Correia a quantia de 1150 dólares para que o divórcio entre ambos seja obtido o mais rápido possível. O documento data de 1 de Maio de 1951.

Corrigidas as datas de divórcio, falta ainda o casamento de Natália com Alfredo Lage Machado que é concretizado em 1953 e não em 1950. O próprio assento de nascimento de Natália⁸⁰ oferece algumas dúvidas porque a data parece rasurada ou corrigida.

Alfredo Machado era um abastado proprietário de hotéis e homem que frequentava a alta sociedade lisboeta, privando com figuras cimeiras do Regime como João Mendes da Costa Amaral, administrador da Companhia Colonial de Navegação e amigo pessoal de Salazar. Podemos dizer que, durante alguns anos, Alfredo Machado foi o marido que deu a Natália a estabilidade, não só financeira, como também social e afectiva. Nesse mesmo ano, o casal aluga uma casa na rua Rodrigues Sampaio que se tornará um dos principais pontos de encontro da intelectualidade nacional e estrangeira até meados dos anos 70.

Ainda em 1955 Natália publica, numa edição de autor, o seu segundo livro de poesia intitulado *Poemas*.

Protegida pela influência do marido, Natália começa a exercer a sua actividade de Oposição cada vez mais abertamente, sobretudo com a aproximação das eleições presidenciais de 1958. De facto, as eleições de 58 constituíram um verdadeiro terramoto que abalou o regime ao qual sobreviveu

⁸⁰ Cf. Victor de Lima Meireles, *Natália Correia: subsídios para a genealogia*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 1994.

mas do qual não chegou verdadeiramente a recompor-se. Mesmo a Oposição é apanhada desprevenida perante o furor da campanha de Humberto Delgado, que não consegue chegar a uma plataforma de entendimento que reunisse um candidato que agradasse aos sectores tanto da esquerda como da direita oposicionista. O PCP aponta o nome de António Sérgio que recusa por motivos de saúde, depois contacta Manuel João da Palma Carlos e finalmente avança com o nome de Arlindo Vicente que reúne simpatizantes como Câmara Reis, Mem Verdial e Julião Quintanilha (Cf. *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, coord. De Fernando Rosas, pág. 273). O doc. 16 do processo de Natália na PIDE regista, em 1962, o seguinte:

Durante as campanhas eleitorais, tem apoiado sempre os candidatos da "oposição", tendo desenvolvido a sua maior actividade quando da candidatura do dr. Arlindo Vicente à Presidência da República, evidenciando-se como "membro" da chamada "Comissão Cívica Eleitoral de Lisboa", que foi criada sob a inspiração e orientação comunistas.⁸¹

A leitura de fontes policiais como é o caso dos processos da PIDE deve ser feita com algumas reservas uma vez que elas tinham uma função incriminatória e eram, por isso, tendenciosas. É, pois, possível que esta observação não seja inteiramente verdadeira pelas razões que passamos a explicar. Natália desenvolveu uma forte campanha ao lado da Oposição nas eleições de 1958, mas ao lado da candidatura de Humberto Delgado. Arlindo Vicente desistiu da candidatura em favor do General Delgado apenas a oito dias do fim da campanha e Natália vinha exercendo uma forte actividade política desde 1957 como membro da Comissão Cívica Eleitoral de Lisboa, cujo objectivo era unir a Oposição para as eleições do ano seguinte. Além disso,

⁸¹ SC SR 462/44; doc. 16.

participou em jantares onde era figura de destaque ao lado de Humberto Delgado. Todas estas circunstâncias não implicam que fosse impossível o apoio a Arlindo Vicente porque as personalidades que estavam ligadas à candidatura deste faziam parte do círculo de amigos de Natália. Por outro lado, é natural que a PIDE tentasse incriminar, de alguma forma, Natália e isto só seria possível se a autora pudesse ser apontada como um elemento subversivo. Acusá-la de ser um elemento ligado ao PCP era uma das vias. Num relatório de vigilância a uma reunião dos candidatos da Oposição surgem, além de Natália, nomes como Manuel João da Palma Carlos, Câmara Reis, Manuel Sertório, Arlindo Vicente, José da Cruz Ferreira e Rui Cabeçadas. Este documento data de 19 de Outubro de 1957. Ainda nesse mesmo ano, no mês seguinte, surge a informação de que as reuniões da Comissão Cívica Eleitoral para as eleições de 58 se realizavam na "Seara Nova", no Centro Republicano Elias Garcia e na residência de Natália Correia. A actividade de Natália nas eleições de 1958 foi muito além da cobertura jornalística, como tinha sido o seu apoio a Norton de Matos. De facto, no final dos anos 50 e nos inícios dos anos 60, dá-se uma viragem na actividade de Natália na Oposição. A partir desse momento Natália desafia o regime abertamente, assumindo todas as consequências que advêm deste acto de coragem. Uma dessas consequências será a apreensão e proibição de circulação de várias das suas obras, como veremos mais adiante.

Ainda em 1957, Natália Correia e Urbano Tavares Rodrigues reúnem assinaturas para mais um manifesto intitulado "Manifesto dos intelectuais portugueses sobre o problema da Censura". Neste manifesto reúne assinaturas

de nomes como Adolfo Casais Monteiro, Alexandre O'Neill, António José Saraiva, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, José Cardoso Pires e Miguel Torga, entre outros. No mesmo relatório, a PIDE regista que Natália estava a ser auxiliada por Cármen que "em tempos viveu no Brasil"⁸². A partir deste apontamento podemos pensar que o afastamento de Natália e Cármen Correia foi interrompido diversas vezes com a estadia de Cármen em Portugal.

Ainda no campo político, vale a pena referir que Natália participa em 1957 no 1º Congresso Republicano de Aveiro, que se realiza a 6 de Outubro. Este Congresso surge num ambiente particularmente difícil para a Oposição que, como já referimos, tinha sofrido uma relativa desagregação e era alvo de fortes represálias pela máquina censória e policial do regime, sobretudo depois do efémero reconhecimento do regime do Estado Novo pelas democracias ocidentais. Natália participa neste congresso com a comunicação intitulada *Política de espírito desnacionalizante*. Nesta comunicação a autora sublinha o facto de a acção da censura e a proibição de obras de carácter científico, por versarem determinados assuntos sensíveis aos olhos do regime, conduzirem a uma desnacionalização da formação académica, uma vez que era necessário procurar os livros nas suas línguas originais. Embora o tema da comunicação seja revestido de um carácter simples e quase inocente, traduziu-se num feroz ataque às instituições repressivas do Estado Novo. Para Natália, nada era mais eficaz para matar o espírito criativo dos portugueses do que a própria censura,

⁸² SC SR 462/44; doc. 154.

uma vez que a imaginação e a liberdade de pensamento era “dos atributos humanos, o mais incómodo ao exercício da prepotência”⁸³.

Mas, apesar da sua actividade no campo político, Natália não esquece a escrita e publica *O progresso de Édipo*, a sua primeira incursão no teatro e *Dimensão Encontrada* (poesia). Ambas as obras reflectem influências surrealistas que se manifestam no próprio título da obra (uma nova dimensão da realidade) e, sobre *O progresso de Édipo*, diz-nos Maria de Fátima Marinho:

Ao colocar uma introdução onde faz apelo ao Grande Arcano Mágico e às forças ocultistas, a autora não esconde a tendência surrealizante de grande parte da sua obra, ao ponto de transformar a figura de Édipo num ser hermético, cujo crime é o do conhecimento.⁸⁴

A partir dos anos 50, Natália aumenta a sua produção literária em número, não só na poesia e no teatro, como também no campo do ensaio e da tradução. A autora publica o ensaio *Poesia de arte e realismo poético* (edição da autora, 1958) e outro livro de poesia *Passaporte* (edição da autora, 1958).

Em 1959⁸⁵, publica o livro *Comunicação*, que é proibido pela censura em Outubro e apreendido pela PIDE em Novembro. Esta obra, tal como nos diz a autora no início do auto “É o processo extraordinário / da Feiticeira Cotovia / que diz que as rosas ao contrário / é que dão rosas e é que há poesia”.⁸⁶ Esta obra de Natália, aproxima-se dos autos tradicionais e merecia um estudo aprofundado que não está no âmbito deste trabalho. Mas podemos considerar proféticas as palavras da Feiticeira: “O meu corpo em chamas será o rastilho

⁸³ Marília de Assis Freire Ribeiro Tavares, *Os congressos republicanos de Aveiro – Subsídios para a história da Oposição ao Estado Novo*. Tese de mestrado em História contemporânea de Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra: 1994, p. 68.

⁸⁴ Maria de Fátima Marinho, “O fascínio de Édipo” in *Letras & Letras*, nº 26, Fevereiro de 1990.

⁸⁵ Ângela Almeida aponta na sua fotobiografia o ano de 1958 para a publicação deste livro mas o depósito legal é de 1959.

⁸⁶ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999, p. 174.

de uma fogueira que consumirá a Lusitânia ano após ano, geração após geração numa combustão invisível e prolongada pela Palavra que fulge no ponto onde todos os nomes se reúnem na Luz.”⁸⁷ Ou não foi o próprio nome de Natália, décadas mais tarde, o rastilho que fez arder a intelectualidade portuguesa?

O livro *Comunicação* foi a primeira obra da autora a ser apreendido pela polícia política que, cada vez mais, vigiava as actividades de Natália. Com o início dos anos 60 a actividade de Oposição feita por Natália torna-se cada vez mais aberta e corajosa, facto que fará com que a autora seja alvo de diversos processos e problemas com a justiça mas que também consiga granjear o apoio e a admiração do sector cultural.

Ainda em 1959 conhece a poetisa Fernanda de Castro com quem irá estabelecer uma profunda e sólida amizade, apesar das divergências políticas que as separam. Fernanda de Castro era casada de António Ferro, principal mentor do Secretariado Nacional de Informação, e que constituía uma das principais instituições de controlo cultural do regime. Aquando da publicação da obra *O Homúnculo* (1965), Fernanda de Castro envia uma carta a Natália censurando o texto e da qual apenas temos a resposta. A escritora confidencia:

A verdade é que você se me revelou bastante isenta sob o ponto de vista político, destacando até ocorrências da sua vida nas quais nobremente afirmou o seu respeito pelas ideias de cada um. Assim julguei ser-lhe consentâneo com essa isenção, obras minhas já publicadas e apreendidas como a “Comunicação” que definem uma linha de combate contra o aprisionamento de espírito de que o “Homúnculo” é uma sequência natural.⁸⁸

⁸⁷ Natália Correia, *Ibidem*, p. 174.

⁸⁸ D9 / 54.

A assumida admiração de Fernanda de Castro pela figura de Salazar não foi suficiente para ensombrar a amizade entre ambas que se reconheciam mutuamente numa profunda admiração intelectual. Prova disso são as numerosas fotografias do espólio fotográfico de Natália Correia em que ambas aparecem em convívio.

Mas os anos 60 são tudo menos pacíficos para o regime do Estado Novo. De facto, é forçoso admitir que a década de 60 é um tempo crepuscular onde se assiste a uma lenta agonia de um sistema político que teimava em persistir. O caso do *Santa Maria* foi mais um dos golpes que, embora não sendo capital para o fim do Estado Novo, minaram a credibilidade internacional deste. A 22 de Janeiro de 1960, Henrique Galvão e um comando de 23 homens toma o paquete *Santa Maria* (rebaptizado de *Santa Liberdade*) numa operação que ficaria conhecida por "Operação Dulcineia". Natália Correia segue atentamente o desenvolvimento do golpe e escreve um poema em forma de homenagem intitulado *Cântico do País emerso* (d.l. 1961).

Já em 1962 eclodem uma série de revoltas estudantis que ficaram conhecidas como a crise académica de 62. Estas revoltas, que foram violentamente reprimidas pela polícia, deram um novo alento à actividade da Oposição, sobretudo porque permitiram uma renovação geracional dentro dos movimentos. Nesse mesmo ano, Natália escreve o ensaio *A questão académica de 1907* (1962), cuja publicação não será isenta de polémicas. De facto, será a própria direcção da *Seara Nova* que tomará a defesa da autora considerando todas as críticas feitas ao livro como "(...) uma excelente, embora involuntária,

publicidade do livro citado, o qual, aliás, dela não tem carecido”.⁸⁹ Natália participa, ainda, no congresso da Comunità Europea degli Scrittori (COMES), em Itália, onde a sua beleza não passa despercebida à imprensa estrangeira.

Neste mesmo ano conhece Dórdio Guimarães, poeta e realizador de cinema, que se torna a sua alma gémea numa relação amorosa à maneira medieval. Numa das cartas inéditas que escreve para Dórdio revela:

Para terminar quero que saiba que inalteravelmente pertenço à estirpe das damas medievais que só podiam amar em sistema de lhes ser rendido serviço amoroso. Outra e qualquer espécie de amor faz-me rir como um macaco a uma dama do século XVII. Não se esqueça de que sou autora de Arte de ser Amada que precisamente me foi inspirado por você.⁹⁰

Mas a relação entre Dórdio e Natália não era apenas ao nível amoroso. É forçoso admitir que existem alguns diálogos entre a obra de Natália e de Dórdio porque, a partir deste momento, assiste-se, na obra da autora, a uma nova concepção estética do poema que se revela, sobretudo, ao nível da temática. Um dos poemas que podemos assinalar como sendo fruto dessa relação é “A rapariga do *sweater* vermelho”, poema que se aproxima das novas concepções estéticas do cinema dos anos 60. Já para o jovem poeta, a sua obra irá reflectir a relação amorosa com Natália, na qual Dórdio assume o papel do poeta Propércio e Natália o da adorada Cynthia, a quem dedica vários livros, e noutros se torna a temática central como, por exemplo, *Cynthia: poemas* (1963?), *Cynthia em viagem* (1992) e *Cynthia e a absoluta viagem* (1994).

⁸⁹ “A questão académica de 1907 e o Agora” in *Seara Nova*, nº 1409, Março de 1963, p. 64.

⁹⁰ D10 / cx. 21

Os anos 60 são para Natália um período de manifesta Oposição política que se irá realizar, principalmente, através da escrita. Em consequência disso serão apreendidos outros livros como *O vinho e a lira* (d.l. 1966), *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade* (d.l. da 1ª ed. de 1966), a peça de teatro *A pécora* (1967) (cujas publicações serão proibidas, vindo a lume apenas depois do 25 de Abril) e ainda a peça de teatro *O encoberto* (1969), qualificada pela censura como o "(...) desenvolvimento em estilo de "paródia" de assunto histórico, com não poucas pinceladas pornográficas à maneira de Natália Correia, com alusões ao povo português ou a figuras históricas com expressões de chacota e uma clara intenção de ridicularizar."⁹¹

Ainda ligada à actividade política está uma carta que a autora redige em conjunto com outros escritores e intelectuais, em 1968, dirigida ao então novo Presidente do Conselho, Marcelo Caetano. Esta carta é escrita na esperança de que a chamada "Primavera marcelista" seja o motor de uma maior abertura e liberalização por parte do regime. Os autores da carta são recebidos pelo Presidente do Conselho, à excepção de Natália, que verá este diferendo entre ela e Marcelo Caetano sanado anos mais tarde. A autora escreve em 4 de Dezembro de 1973:

Quanto à animosidade que, segundo o infatigável senhor Dr. Paradela, o Dr. Marcelo Caetano alimenta por mim, posso informar que é do meu conhecimento, por via indesmentível que, tendo o Presidente do Conselho em tempos mostrado descontentamento com a publicação da minha *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*, modificou radicalmente esta atitude no decorrer deste ano por motivo assaz curioso que poderei explicar pessoalmente. Esta

⁹¹ Cândido Azevedo, *Mutiladas e proibidas: para a história da censura literária em Portugal*, Lisboa: Editorial Caminho, 1997, p. 120.

mudança poderá ser confirmada pelo Dr. David Mourão Ferreira que se me ofereceu para o fazer perante essa Administração.⁹²

Mas, apesar da divergência entre o Presidente do Conselho e a autora ficarem sanados, Natália é julgada em Tribunal Plenário e condenada a três anos de pena suspensa. É na sequência deste julgamento que escreve o poema "Defesa do poeta" que recita em pleno tribunal.

Em 1968 publica o livro de poesia *Mátria* e o romance *A Madona*, sendo este último considerado o melhor texto em prosa de Natália num artigo escrito por António Quadros.⁹³ Como se pode observar pelos títulos, ambos os textos invocam a figura materna, ora identificada pela Ilha, ora identificada pela figura da primeira mulher, como já explicámos anteriormente.

A década de 70 inicia-se num contexto político em que o regime do Estado Novo apenas se arrastava numa teimosia em existir. Salazar, que na sequência do famoso acidente da cadeira tinha ficado fortemente diminuído, é substituído por Marcelo Caetano na Presidência do Conselho. As ideias reformadoras de Marcelo Caetano tinham inspirado uma breve esperança numa abertura do regime aos ventos de mudança naquela que ficou conhecida por "Primavera marcelista", mas que não passou das intenções face aos poderes e vícios sociais instituídos. Sob influência clara do Maio de 68, iniciam-se uma série de greves e protestos estudantis, tanto em Lisboa como em Coimbra, que rapidamente alastram a outros sectores da sociedade. Mas o governo de Marcelo Caetano, que ensaiara uma "liberdade possível" entre 1968-1969, toma novamente de assalto as estruturas fundamentais do regime

⁹² D9 / 126_A

⁹³ Cf. António Quadros, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Lisboa: Átrio, 1992.

iniciando um novo período de forte repressão às actividades da Oposição, que acaba por se extremar através de diversas cisões no seio das organizações. Este extremismo começa a manifestar-se numa afronta aberta e directa ao regime chegando mesmo a realizar acções armadas.

Neste contexto político e social dos últimos dias do Estado Novo, Natália Correia continua a sua actividade de Oposição num outro campo mais discreto mas igualmente eficaz, a actividade editorial. Em 1971 torna-se directora literária dos Estúdios Côr, sendo seu administrador Romeu de Melo. Será nesta qualidade que a escritora assume a responsabilidade de publicação de diversas obras e autores que, de outro modo, não seriam publicados. Uma atitude de coragem que a levará, no ano seguinte, a novos problemas com a justiça quando, sob a sua direcção literária, é publicado o livro *Novas cartas portuguesas* (imp. 1972) de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno, naquele que ficaria conhecido pelo "Processo das três Marias". No entanto, Romeu de Melo assume a total responsabilidade da publicação evitando que Natália fosse presa, uma vez que ainda estava a cumprir pena de prisão suspensa.

Ainda em 1970 publica o livro de poesia *As Maçãs de Orestes* (imp. 1970) e *A Mosca Iluminada* (d.l. 1972). Em 1971, funda juntamente com Isabel Meyrelles, *O botequim*, deslocando o centro das tertúlias e do convívio da sua casa na rua Rodrigues Sampaio, para a Lapa. No mesmo ano escreve, em conjunto com David Mourão-Ferreira, o libreto para a cantata *D. Garcia* de Joly Braga Santos, cuja primeira audição foi realizada no 1º Festival de Vilar de Mouros.

Já em 1973, a autora participa no Festival do Livro de Nice juntamente com David Mourão-Ferreira e Vitorino Nemésio, do qual nos deixa um retrato que apenas Natália poderia fazer do poeta, mostrando a cumplicidade insular de ambos: "E o Vitorino Nemésio. Adiou a viagem para vir connosco. Ele é a viagem...Que poderosa insularidade! Bruma rodeada...de mar."⁹⁴ Natália irmana-se com a génese açoriana de Nemésio embora não deixasse de ser crítica em relação à sua poesia: "É a maneira de se resgatar da cátedra e de uma série de mea culpas que são o pior da sua poesia".⁹⁵

Ainda neste mesmo ano, Natália publica *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (antologia), o livro de poemas *O Anjo do Ocidente à entrada do ferro* e a antologia *A mulher*. Deixa a direcção literária dos Estúdios Côr num ambiente de polémica mas a sua correspondência com vários escritores atesta a confiança que estes tinham na direcção de Natália. Um destes escritores é José Rodrigues Miguéis, com quem a autora manteve uma correspondência frequente. Miguéis escreve acerca desta polémica: "Ocioso é dizer-lhe que, se reingressar ali, eu continuarei a seu lado. Acho que o seu lugar é ali, e que a sua energia e entusiasmo seriam de novo uma imensa aquisição para a Côr – e para os seus pupilos escritores".⁹⁶ Esta confiança na capacidade de Natália é ainda atestada por votos de confiança de outros escritores como Vergílio Ferreira, que chega mesmo a ameaçar com denúncia do contrato caso Natália Correia saia dos Estúdios Côr. Aqui se denota que a actividade editorial da autora era livre, na medida em que muitos escritores viram as suas obras publicadas devido à sua coragem, mesmo quando os livros publicados não

⁹⁴ D9 / Cx. 76 / R. 1898.

⁹⁵ D9 / Cx. 76 / R. 1898.

⁹⁶ D9 / 1443 – 1454.

agradavam a Natália. Eis o que diz a autora em carta para a direcção da Arcádia, de 4 de Dezembro de 1973: "Fique definitivamente estabelecido que os meus gostos pessoais nada têm a ver com as razões que determinam a escolha das obras a publicar."⁹⁷

Nesse mesmo ano, assume a direcção da editora Arcádia. Será nesta editora que Natália Correia publicará um conjunto de obras e de autores que constituirão um verdadeiro ataque ao regime moribundo. Assim, em 11 de Março de 1973 envia um telegrama de Bissau a Dórdio Guimarães. O texto não é relevante mas a data coincide com a viagem realizada pela autora à Guiné quando foi buscar o manuscrito de *Portugal e o futuro*, escrito pelo General Spínola, que foi entendido pelo movimento dos capitães como um apoio das altas patentes a esses mesmos movimentos de revolta.

Em 1974, Natália publica *Uma estátua para Herodes* (ensaio) e, em Abril desse mesmo ano, mais exactamente no dia 25 de Abril, uma revolta militar executada pelos capitães do exército põe fim à ditadura que tinha governado Portugal desde 1926. Natália recebeu o 25 de Abril de 1974 com entusiasmo, mas cedo se rendeu à evidência das novas ameaças que pairavam sobre a jovem democracia portuguesa. Entre o 25 de Abril de 1974 e o 20 de Dezembro de 1975, Natália registará minuciosamente num diário a evolução daquela que ficaria conhecida como a Revolução dos Cravos.

Na terceira parte deste trabalho vamos abordar este texto de Natália que, constituindo-se como um verdadeiro documento histórico, acaba por ser também um testamento literário da autora onde, além das suas alegrias, medos e apreensões, são registadas as suas concepções estéticas, morais e

⁹⁷ D9 / 126A.

literárias. Iremos também abordar esta nova fase na vida de Natália, que se caracterizou pela assunção pública da sua actividade política, actividade essa que esteve sempre activa durante a ditadura e que durante a democracia se tornará militante.

25 de Abril de 1974: Liberdade e democracia:

O 25 de Abril de 1974 terminou com o regime do Estado Novo, dando início a uma nova etapa na história de Portugal e, sobretudo, dos portugueses. Natália Correia, que desde a adolescência tinha tomado consciência do sistema opressivo do salazarismo, recebe a revolução com entusiasmo.

No ano seguinte visita a República Democrática Alemã e redige, na sequência dessa viagem, algumas notas ainda inéditas (Texto nº17), que se tornam interessantes pelo facto de nos darem uma perspectiva distanciada dos acontecimentos pós-revolucionários. A autora compara esse distanciamento a uma saída no tempo:

Uma saída do tempo da qual só teve a consciência quando se entrou novamente no tempo. Cá estou eu novamente no tempo. Neste tempo europeu que com a sua antiguidade ática e seu futuro plasmado por engenheiros absorve todas as crises, todas as doenças, dissolvendo na arte da sua continuidade os parêntesis de fogo das guerras e as aspas aflitas das convulsões económicas.⁹⁸

Um parêntesis que se abriu na história de Portugal com a Revolução de Abril e que a escritora assume como tal. Deste modo, Natália posiciona a sua análise com o distanciamento necessário para o registo histórico embora este tenha sempre um carácter parcial, uma vez que a escritora vivenciou todos os acontecimentos. Mas é importante assumir estas notas como uma reflexão essencial para descortinar o futuro da Revolução e a via tomada pelo povo português. Esta via não agrada a Natália Correia porque "A esta distância

⁹⁸ Texto 17.

cabe reconhecer que a tentativa obsidante de decifrar o destino talhado pela revolução se mobilizou num asfixiante narcisismo nacional.”⁹⁹

Será na sequência destas reflexões, e seguindo esta linha de pensamento, que a escritora começará a redigir o diário da revolução que foi publicado com o título *Não percas a rosa* (1978). O período pós-revolucionário e a eminência de uma guerra civil impulsionam Natália a tomar uma posição contra aquilo que considerava ser mais uma ameaça à liberdade criadora de cultura. Mas neste tempo intermédio que medeia a revolução e a publicação deste diário, a voz de Natália far-se-á soar através da poesia, e pela sua colaboração na imprensa escrita, com dois livros que constituirão o mote para o texto em prosa. Ainda nesse mesmo ano a Comissão de Trabalhadores do jornal *A Capital* censura uma das suas crónicas intituladas *Crónicas vagantes* que mantinha nesse diário. Fiel aos seus princípios de liberdade cultural e intelectual, demite-se e em sua solidariedade demite-se, também, o então director David Mourão-Ferreira. No seu diário, publicado em 1978, a autora explica:

Mantenho assim uma coluna em *A Capital*, sob o título genérico de “Crónicas Vagantes”. Vagantes porque o âmago oculto desses escritos é o acratismo que no fundo me irmana à subversão goliardesca contra o meretrício do poder.¹⁰⁰

Em 1976 publica *Poemas a rebate* (poesia) que não integra o volume da poesia completa da autora, *O sol nas noites e o luar nos dias*, e, como o próprio nome indica, é um sinal de alerta que terá continuação no livro de poemas *Epístola aos Iamitas* (1976). Esta obra surge como um aviso à

⁹⁹ Texto 17.

¹⁰⁰ Natália Correia, *Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974-20 de Dezembro de 1975)*, Lisboa: D. Quixote (Participar; 11), 1978, p. 79.

ascensão do comunismo e à precipitada descolonização, que a autora considerava servir muito mais os interesses na União Soviética em África do que os interesses portugueses e dos novos países independentes. Condenando o impulso revolucionário que toldava o pensamento dos portugueses, Natália escreve num dos poemas: " Não Antero meu santo não me mato. / Antes me zango até ficar um cacto. / Quem me tocar (maldito!) que se pique!¹⁰¹". Através destes versos assistimos à decepção da autora pelo facto da sua voz solitária de aviso ser ignorada ao mesmo tempo que assume o compromisso cultural e intelectual de não desistir de denunciar um sistema que emergia como uma nova ameaça à liberdade individual e àquilo que Natália designou como "dirigismo cultural", ou seja, um modo de pensamento orientado pelo Estado ou pelo regime político. Estes versos são, de resto, uma confirmação do pensamento que Natália expõe no texto 29 quando diz:

Outro ponto em que me distingo dos demais é que eu digo alto o que penso de mim. E eles só dizem alto o que pensam dos outros.

Disto resulta uma absoluta incompatibilidade em que pela força de uma ética estabelecida eu sou, a que não está certa.¹⁰²

Este texto, embora não estando datado, tem como título *Diário* e revela uma ortodoxia de pensamento que muitos estudiosos de Natália não têm compreendido porque, ao contrário do que é dito, as circunstâncias que rodearam Natália Correia mudaram muitas vezes mas o seu pensamento não. Sob este ponto de vista (atendendo às circunstâncias e não ao seu pensamento) acusaram a escritora de ser contraditória.

¹⁰¹ Natália Correia, *Epístola aos Iamitas*, Lisboa: D. Quixote, 1976, p. 43.

¹⁰² Texto 29.

Nesse mesmo ano, assume a direcção do jornal *Século hoje* e da revista *Vida Mundial*. David Mourão-Ferreira, na qualidade de secretário de Estado da Cultura, convida a escritora para sua assessora. Realiza nesse mesmo ano uma viagem à Líbia na qualidade de directora da *Vida Mundial* e deixa-nos dessa viagem algumas notas de viagem que serviram de base ao artigo publicado na revista em 12 de Agosto de 1976 (reeditado em 2005).

No ano seguinte é publicada a 2ª edição de *O Encoberto* (teatro), cuja primeira edição tinha, como já referimos, sido proibida pela censura e, em 1978, publica o diário *Não percas a Rosa: diário e algo mais*, que contém as suas impressões desde o 25 de Abril de 1975 até 20 de Dezembro de 1975. Este diário constitui, além de um notável registo das convulsões pós-revolucionárias que abalaram o país, uma dissertação acerca do seu pensamento filosófico e uma invocação dos elementos que moldaram o seu pensamento desde a sua infância. Trata-se, por isso, de um documento essencial para compreender a sua obra que iremos analisar com mais pormenor nas linhas seguintes.

Não percas a Rosa: Diário e algo mais (1978)

O diário *Não percas a Rosa* constitui um dos poucos textos diarísticos que Natália Correia publicou. Como já demonstrámos anteriormente, a autora era avessa à disciplina necessária ao registo metódico que exige o diário. Talvez por esse motivo, a escritora sente necessidade de justificar esta incursão num tipo de género em que tinha tocado, ainda que tangencialmente, no caderno de viagens *Descobri que sou europeia*. Na nota prévia escreve Natália:

Inapetente para a meticulosidade pachorrenta dos registos sistemáticos – por índole poética perfilho as sínteses das vivências acumuladas -, foi-me então estranhável iniciar este diário nas horas entusiásticas em que deflagraram os acontecimentos que lhe foram dando forma. (...) Aberto abruptamente na madrugada de 25 de Abril um ciclo de conturbações sobressaturantes que iriam impôr a revisão de esquemas mentais e sacudir a subjectividade dos indivíduos, advertiu-me o supraconsciente que nesta se inscreve de que soara a hora de inaugurar o documento vivencial do que iria ser a minha revolução interior.¹⁰³

É forçoso admitir que, a partir desta introdução, a autora considera dois pontos essenciais que vão conduzir a pena por este registo: o primeiro ponto é a emotividade que transparece nos juízos de valor feitos pela autora e que, nesta introdução, Natália reconhece nem sempre ter sido justa pelo facto de ter omitido um conjunto de circunstâncias essenciais para o apuramento da verdade; o segundo ponto é a assunção de uma via revolucionária que começaria pelo espírito, ou seja, uma completa revisão dos valores que constituíam a psique portuguesa. Esta revisão passava, essencialmente, pelo reconhecimento de um tipo de pensamento genuinamente português, que derivava de uma maturação do actual pensamento construído com o pensamento estrangeiro: "Aprendi a pensar por livros estrangeiros. Só depois descobri que se pensava muito bem com Sampaio Bruno, Pascoais, etc...".¹⁰⁴ Por outro lado, a autora assume que esta é também uma revolução no seu próprio pensamento, uma revolução interior que passa por uma reflexão sobre os elementos que moldaram a sua personalidade desde a mais tenra infância até ao momento em que escreve o livro. Serão estes três vectores que vão orientar a escrita da autora: o registo

¹⁰³ Natália Correia, *Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974-20 de Dezembro de 1975)*, Lisboa: D. Quixote (Participar; 11), 1978. p. 7.

¹⁰⁴ Texto 17.

de uma circunstância histórica, a análise da sua própria revolução e a revisão cultural do povo português que se fazia anunciar.

No diário *Não percas a Rosa*, Natália Correia começa por invocar esse tempo adâmico da infância. A Mãe e a Ilha surgem como as circunstâncias essenciais que formaram a sua personalidade. Neste aspecto, este diário surge como um texto que completa a obra *Descobri que sou europeia*, publicado em 1951, porque, enquanto o primeiro caderno de viagens nos demonstra o porquê da sua herança europeia (comparando a sua cultura com a sociedade norte-americana), neste diário encontramos a construção do seu pensamento, que a autora localiza na infância, num tempo povoado pelas crenças da sua ilha natal, como o culto do Espírito Santo, que de resto é recorrente na sua obra. Num dos parágrafos, Natália recorda o momento em que ela própria foi coroada e descreve o impacto que o ritual teve em si enquanto criança:

Menina vestida de malmequeres, coroei. A pomba bordada a ouro no centro da bandeira escarlata conduz o cortejo misterico. (...) O milagre de ser transfigura-me. Coroa-me. Beijo o ceptro e com ele vou abençoando a Vida. *Veni Criator Spiritus*. É a plenitude. A pomba. Mas para que a Pomba desça é necessário que a materialidade se exceda. A matéria excedida sobe ao conhecimento de que é Espírito em estado denso.¹⁰⁵

Cumprido o ritual iniciático, falta cumprir-se a via do Espírito. Poder-se-á pensar que este tipo de reflexão da autora, que intercala a narração histórica, se encontra deslocado das intenções da obra. Não para a Natália Correia. Tão só cumpre a função de premissa de um raciocínio que conduzirá o leitor à compreensão do pensamento nataliano: a escritora tem noção do

¹⁰⁵ Natália Correia, *Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974-20 de Dezembro de 1975)*, Lisboa: D. Quixote (Participar; 11), 1978. p. 71.

isolamento a que a sua voz ficou votada porque a via do Espírito que preconizava não foi compreendida. Surge, deste modo, no seu pensamento, uma discriminação religiosa que emerge com um sentido político: por um lado encontramos o comunismo ateu e por outro o conservadorismo cristão. Esta dicotomia não consente uma terceira via preconizada por Natália onde a crença no sobrenatural / imaterial seria o alimento do Espírito sem se subjuar ao dirigismo monolítico cristão nem à felicidade material do comunismo. E escreve:

A minha revolução já é de há muito. Antiquíssima. Chama-se o *homem*. Equilaterizado na plenitude das suas quatro dimensões: espírito, intelecto, alma, corpo¹⁰⁶.

Formula-se, assim, uma herança clássica assumida por Natália que se formou na infância e que se traduz num código moral próprio baseado na concepção estética do belo e do feio (herança clássica que apenas fazia sentido com um certo paganismo de carácter panteísta).

Sou pagã. Não é o impulso cristão de me apiedar do bandido caído em desgraça que insolitamente me faz advogar um bicho lanceado da espécie que sempre detestei. No meu código moral o bem e o mal não têm cabimento porque a moral que me rege é de ordem estética e esta só aceita uma dicotomia: o nobre e o vil. A nobreza não consente que se pratiquem más acções, porque são feias.¹⁰⁷

Fica, deste modo, demonstrada a ortodoxia do pensamento de Natália. O "bicho lanceado" de que a autora nos fala são os antigos agentes da PIDE que, alguns anos antes, a tinham perseguido e vigiado. A autora recusa qualquer tipo de vingança sobre o tirano caído em desgraça porque esse tipo de acção não tem cabimento no seu código ético e moral.

¹⁰⁶ Natália Correia, *Ibidem*, p. 78.

¹⁰⁷ Natália Correia, *Ibidem*, p. 39.

Ao nível do registo histórico, encontramos momentos de descrição intercalados com momentos de enunciação, característico do género diarístico. Como já referimos anteriormente, o registo diarístico decorre, muitas vezes, de situações de isolamento que se pode manifestar de formas diversas sem ser necessariamente física porque, como afirma Clara Rocha, "(...) o gesto diarístico decorre de uma necessidade de comunicação do *eu* consigo mesmo ou com os outros. (...) Daí a função terapêutica da prática diarística, que, por vezes, se arrasta ao longo de toda uma vida."¹⁰⁸

Neste aspecto, a obra *Não percas a Rosa* revela-se atípica no conjunto da obra de Natália Correia, tanto na questão do género, como na forma como ela é escrita. Mas trata-se, sem dúvida, de um registo histórico que Natália estende muito além dos acontecimentos visíveis ou públicos. A autora conta-nos, também, as intrigas privadas e as conversas do corredor do poder uma vez que o Botequim se tornou, além de um local de cultura, um dos centros políticos de Lisboa por onde circulavam as figuras mais destacadas do momento. Referimos, por exemplo, a passagem de Melo Antunes:

É evidente que a entrada no Botequim de tão famosa personagem [Melo Antunes] electrizou os vorazes consumidores da noite que absorvem como um tranquilizante para as angústias que estes dias atribulados lhes injectam nas veias¹⁰⁹.

Deste modo, a escritora analisa as figuras e os acontecimentos revolucionários, dedicando as entradas no diário a cada uma dessas personagens ou acontecimentos subvertendo, também, a estrutura tradicional do género uma vez que prefere o uso de analepses e prolepses em

¹⁰⁸ Clara Rocha, *Máscaras de Narciso*, Coimbra: Almedina, 1992, p. 29.

¹⁰⁹ Natália Correia, *Ibidem*, p. 174.

detrimento do critério cronológico tradicional, apesar das entradas serem datadas. Neste sentido, a autora recorre a um tipo de narrativa muito comum na sua obra e que tinha sido inaugurado com o seu primeiro romance *Anoiteceu no bairro*: as personagens desfilam perante os nossos olhos, que são conduzidos por uma “aparente” galeria do quotidiano.

Muito mais haveria para dizer sobre esta obra singular na produção literária de Natália Correia e seria, sobretudo, útil analisá-la como uma exposição do pensamento filosófico da autora. Trata-se de uma obra essencial para a compreensão da estética literária de Natália porque ela não foi escrita num impulso momentâneo, mas foi cuidadosamente pensada no espaço de tempo que se encontra entre os acontecimentos (1974) e a publicação do livro (1978).

Ângela Almeida refere ainda uma viagem aos Estados Unidos neste mesmo ano. Contudo, recorda apenas a sua viagem nos anos 50 não referindo mais nenhuma deslocação a esse país: “Em relação à 30 anos quando cá estive e me horrorizei o suficiente para escrever o Descobri que sou europeia, tem a mais (ou a menos) o computador que é o prolongamento da sua imbecilidade.”¹¹⁰

O ano seguinte surge como mais uma etapa importante na vida da escritora. Em primeiro lugar, estreia-se no cinema com o filme *Santo Antero* com realização de Dórdio Guimarães e guião de Natália Correia. Em segundo lugar é eleita deputada independente, proposta pelo PPD para a Assembleia da

¹¹⁰ Texto 10.

República. Trata-se, pois, do início da sua actividade política que formaliza publicamente a sua intervenção cívica. Embora muitos considerem a sua actuação política como fruto de um espírito independente que sempre se recusou as filiações partidárias a escritora deixou nos seus textos inéditos algumas reflexões que, embora não contradizendo totalmente esta ideia, mostram-nos que o seu alinhamento político era ponderado e reflectido e não um gesto ingénuo ou passional. No texto 17, Natália escreve:

Sou demasiadamente democrata para estar num partido. Os partidos – todos – têm atitudes radicais uns para os outros. Não nos deixam ser pluripartidários. Eu sou. (...) Reassumindo esta posição equidistante mais apta estarei a dizer o que está errado e o que está certo.

Continuo, porém, a fazer profissão de fé social-democrata porque julgo ser esta a área que mais equilibradamente serve o país mas não esgota¹¹¹.

Natália assumia, deste modo, um compromisso com a política porque dizia ser essa a melhor maneira de servir os portugueses e sobretudo a cultura que considerava ser o único meio de libertação do Homem.

No ano seguinte, em 1981, participa na série televisiva *Neste lugar onde*, realizada por Dórdio Guimarães e da autoria da escritora. A participação de Natália no pequeno ecrã passará a ser frequente o que contribui para a divulgação da própria imagem da autora. Ainda nesse ano, é-lhe encomendada uma peça para assinalar o 4º centenário da morte de Luis de Camões que Natália Correia escreve intitulado-a *Erros meus, má fortuna, amor ardente*. Infelizmente, por razões financeiras, a peça não chegou a subir à cena. A peça, com cerca de 44 personagens, 42 figurantes com intervenção falada e mais de 50 figurantes em cena, revelou-se demasiado dispendiosa para os responsáveis.

¹¹¹ Texto 17.

O então Presidente da República Ramalho Eanes atribui a Natália Correia a Ordem Militar de Santiago da Espada com o grau de Grande Oficial. Será o início de uma relação de grande amizade que a escritora manterá com este Presidente que tentará um reconhecimento público e oficial da acção cívica da escritora. Em 1982, publica diversos ensaios e antologias: *Notas para uma introdução às cantigas d'escarnho e mal dizer galego-portuguesas* (ensaio), *Antologia da poesia do período barroco* (antologia) e *A ilha de Sam Nunca: atlantismo e insularidade na poesia de António de Sousa* (antologia). No ano seguinte, publica a peça *A pécora* (teatro) e *A ilha de Circe* (romance) do qual existem notas inéditas no seu espólio (texto 06) que datam de 1978 aquando da sua visita àquela ilha. Nesse ano, viaja em representação do Presidente da República aos Estados Unidos para as comemorações do Dia de Portugal. Durante essa deslocação escreve algumas notas (texto 09) que demonstram, mais uma vez, a capacidade crítica da escritora que acusa a sociedade norte-americana de um egocentrismo próprio das ditaduras:

E cá vou de voo para a Califórnia nesta América onde um cripto nazismo põe God bless America onde o boche berrava Deutchland über alles. Esta gente está realmente convencida de que para além deles nada mais há no mundo. Chama-se a isto imperialismo por ignorância.¹¹²

Este texto contém, também, uma das poucas referências ao seu marido, Alfredo Machado. Uma breve mas importante referência que nos oferece pistas para a compreensão da relação de Natália Correia com Alfredo Machado:

E cá vou de regresso ao lar que para mim é os meus livros a minha muita papelada – notas aqui, projectos ali, desabafos, poemas larvares contos

¹¹² Texto 10.

que nunca farei, pétalas filosóficas de uma rosa mística que estou sempre a unir num amanhã adiado.

Mas o meu lar é também o meu velhinho querido, única paixão da minha vida que me atura há dezenas de anos com um respeito paternal, rabugento pela minha loucura.¹¹³

Esta nota passível de várias interpretações, confirmam a hipótese avançada anteriormente de que a relação entre ambos caracterizava-se por uma necessidade de segurança tanto financeira como também emocional e social. Tratava-se, pois, de uma relação quase *paternalista*, utilizando as palavras da autora.

Ainda em 1983, escreve os programas televisivos *Aí vai Lisboa* e *Natal português* com realização, mais uma vez, de Dórdio Guimarães e apresentação de Natália Correia. Escreve ainda o guião para o telefilme sobre Florbela Espanca *Soror Saudade* e, no ano seguinte, grava o programa *Mátria*, um dos programas mais conhecidos da autora. No ano seguinte é nomeada membro do Conselho de Imprensa e membro do Conselho para a Comunicação Social.

Em 1986 viaja para a União Soviética para participar num congresso de escritores onde é debatida a *perestroika* em curso e que Natália encara com algumas reservas, sobretudo, no que diz respeito à liberdade de expressão:

Tenho no sentido destas palavras o significado desta passagem do discurso de Gorbachov no XXVII Congresso do P.C.U.S.: A reestruturação atinge todos, "...desde um operário a um ministro, desde um engenheiro até um académico...Quem obstaculizar este procedimento deve ser energicamente eliminado..."

E ainda: "A criatividade das massas não deve ser suplantada por directivas ainda que sejam boas".

Se isto é assim em relação à criatividade das massas que dizer no respeitante à criação estética e artística? Bem sei que para um regime dirigista esta é bem mais perigosa do que a criatividade das massas. Mas lá vou ver se

¹¹³ Texto 12.

esta primavera soviética também faz reverdecer a liberdade que apenas despontada com o “degelo” foi logo sufocada.¹¹⁴

No ano seguinte, publica o livro de contos *Onde está o menino Jesus?* (d.l. 1988) que se inscreve no conjunto da sua obra de carácter surrealista. E ainda em 1987 desloca-se à Escandinávia integrada numa delegação parlamentar sobre a qual escreve um breve apontamento.¹¹⁵ É, também, eleita deputada à Assembleia da República como independente mas proposta pelo Partido Renovador Democrático (PRD) no V governo legislativo. Esta eleição à Assembleia da República pelo PRD justifica-se pela amizade que a escritora nutria por Ramalho Eanes embora não deixe de exprimir a sua opinião pela forma como este conduzia a política nacional. No texto 08, Natália confessa:

Só esperava esta oportunidade para lhe dizer o que penso. Ele não pode mais criticar o governo, a corrupção, a iminência da ruptura económica, sem agir. De contrário torna-se o legitimador daquilo que critica. Repeti-lhe ainda o que lhe disse no almoço em Belém antes de partir para o Brasil: um partido eanista sem Eanes é um truque que cai mal no fundo moral dos portugueses. Se ele aceita que um partido nasça com a sua bênção, ele não pode ser invisível. Que dê a cara. É um risco. Mas é o risco da frontalidade.¹¹⁶

Estas notas ilustram bem o pensamento político de Natália, na sua forma de fazer política não há lugar para jogos de poder, sobretudo quando estes implicam a dúvida ou toldam a clareza das acções. Um pensamento ingénuo mas que reafirma a sua ortodoxia política, como já referimos.

No ano seguinte, visita Angola integrada numa delegação portuguesa. Desta viagem, deixa-nos o último caderno de viagens que revela um interesse

¹¹⁴ Texto 18.

¹¹⁵ Cf. Texto 21.

¹¹⁶ Texto 08.

honesto pela guerra civil, a situação económica e pelas perspectivas de desenvolvimento deste país.

Mas apesar desta intensa actividade política, Natália Correia não esquece a cultura. Nesse mesmo ano, o Teatro Experimental de Cascais leva à cena *Erros meus, má fortuna, amor ardente*, numa encenação de Carlos Avilez. Publica, também, o texto de ficção científica *Barbo* (reeditado em 2005) e publica o ensaio *Somos todos hispanos*, onde a autora disserta sobre o passado comum de Portugal e Espanha e os reflexos desse passado na cultura portuguesa. No ano seguinte escreve a peça de teatro *Auto do solstício do Inverno* que permaneceu inédito até 2005, data em que subiu à cena no Teatro Experimental de Cascais com encenação de Carlos Avilez. Mas o ano de 1989 será para Natália Correia uma data que marcará o desaparecimento de duas pessoas do seu círculo familiar. Em Fevereiro morre o seu companheiro de longa data Alfredo Machado e nesse mesmo ano perde o contacto com a irmã Cármen que escreve a última carta para Natália a 25 de Outubro de 1988. Deste modo, a autora não só perde a figura do companheiro que durante quase 40 anos foi o seu maior apoiante, como também desaparece o último elemento que a unia à infância na ilha.

O início da década de 90 surge, para a autora, como uma espada de dois gumes porque assiste ao tardio reconhecimento da obra literária e a uma transformação da sociedade tanto portuguesa como mundial que deixou as esperanças da escritora defraudadas e que conduziram a um lento processo de isolamento. Em 1990 publica *Sonetos românticos* (poesia) e é editada a 2ª edição da peça *A pécora* que tinha sido representada pela Comuna no Festival

de la Convention Théâtrale Européenne (1989) em França e no Festival Internacional de Teatro, na Irlanda. Ainda em 1990 casa com Dórdio Guimarães e envolve-se nos os esforços de libertação dos reféns no Iraque, trabalhando em conjunto com Maria de Lourdes Pintassilgo. De facto, Natália Correia nutria uma simpatia especial pela ex-primeira-ministra que só não apoiou na candidatura à Presidência da República por razões éticas. Numa carta endereçada a Dórdio Guimarães datada de 20/06/1985, pede que este adie o programa *Mátria* para que isso não influencie o voto em Maria de Lourdes Pintassilgo mostrando, deste modo, a sua isenção política ou nas suas próprias palavras: "(...) sem qualquer sombra a toldar a limpidez e isenção das minhas apreciações e do meu voto."¹¹⁷

O ano de 1991 caracteriza-se pelo reconhecimento literário e cívico de Natália Correia. Recebe pelo seu livro de poesia *Sonetos românticos* o Grande Prémio APE 1990 e é condecorada pelo então Presidente da República Mário Soares com a Ordem da Liberdade – Grau de Grande Oficial. Segue atentamente o desenrolar da guerra do Iraque defendendo a posição histórico-cultural do Iraque e chega mesma a escrever uma carta aberta ao então Presidente Saddam Hussein.

Em 1992 publica o romance *As núpcias*, recuperando desta forma um mito clássico que estava enraizado no pensamento filosófico de Natália. De facto, podemos considerar que existe na obra de Natália Correia uma dialéctica irresolvida entre o corpo e o espírito porque o espírito, apanágio da mulher, foi proibido pelo sentimento cristão, deixando lugar apenas para o espírito, o *logos* masculino. E será esta cisão a problemática fundamental inerente à

¹¹⁷ D 9 / 158-159.

gnose da poesia de Natália que surge explanada nesta obra. O Homem surge no seu pensamento como um ser incompleto que procura no ser amado a outra parte de si. É esta procura que está subjacente na obra *As núpcias* – o amor entre dois irmãos:

Saídos da ocultação da noite os Irmãos são um corpo separado em dois. Porque sendo nascidos da mesma semente cósmica era o ser que subsistia em estado de inocência.¹¹⁸

Através deste excerto, podemos observar que o Amor incestuoso é a realidade unificante; a síntese dos opostos porque ele irá integrar as partes separadas. Os irmãos, gerados pelo mesmo ovo cósmico, formam um ser andrógino (REBIS) e ele concentra em si a unidade perdida que desemboca na alma.

Deste modo, assistimos ao desejo absoluto de libertação do instinto amoroso que se concretiza num fluxo de emoções. Esta nudez de sentimentos irá conciliar o Homem com o Universo. Assim, as núpcias, que são o excesso, resultam num equilíbrio quase perfeito de síntese ou, como diz a autora: "As coisas só se revelam inteiramente no seu oposto, visto que com ele são unas".¹¹⁹

É em *Sonetos românticos*, publicados um ano antes, que a autora nos mostra que o soneto é a fórmula poética perfeita, capaz de harmonizar os pólos masculino e feminino: *Visando a unidade / o soneto é o ouro / da culminação da obra poética*.¹²⁰ Trata-se, sobretudo, de um processo alquímico que procura a libertação dos amantes. Através do seu amor acedem ao ser

¹¹⁸ Natália Correia, *As núpcias*, Lisboa: O jornal (col. Dias de prosa), 1992, pág. 74.

¹¹⁹ Natália Correia, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999, p. 32.

¹²⁰ Natália Correia, *Ibidem*, p. 569.

que os gerou e ao qual continuam ligados por um cordão umbilical que é o próprio destino. Mas um destino que, sendo hermafrodita, gera através de um processo de quase autofecundação (tal como nos mitos de infância de Natália) através do Verbo primordial:

Ars aurífera

I

Do soneto que sémen e ovo inclui
Tal, prévio à queda, o ser original,
A primeira estrofe é fêmea e flui
Húmida e dócil no coito mineral

Que outra estância supõe. Nela a possui
O pai plasmante p'ra que seja igual
O céu e a terra: amor que restitui
Ao início unicaule o Bem e o Mal.

Ó verso essente! Concluso o hermafrodita,
Flamejante desponta com seis pontas
A estrela que ao poeta sela aos lábios:

Misterioso nó que em sacra escrita
Cimos e abismos une. E ficam prontas
As letras em que chispa a Luz dos Sábios.¹²¹

Deste modo, Natália recupera o princípio da vida; a revelação genesíaca do Verbo criador que se manifesta no soneto:

Por catorze degraus que ao plectro exigem
Desagravos do verbo, ao cimo a origem
Do soneto. São contas que Deus fez.¹²²

Completa-se, assim, o ciclo litúrgico que tinha principiado com a separação original dos Amantes porque através do soneto estabelece-se a comunicação com a divindade. Em última análise, é recuperado o sacerdócio poético que oficia o culto do Amor. Terminado o ministério, resta ao poeta abandonar-se ao pensamento da morte:

¹²¹ Natália Correia *Ibidem*, p. 570.

¹²² Natália Correia *Ibidem*, p. 571.

III

Dou-te a morte? Em cisne te transformo.
Deixo na tua dor o canto enorme
Da despedida, invernial invento

Da carne que anoitece. Extinta chama,
De mim só cinzas acharás na cama.
Adeus, adeus. Espero-te no templo.¹²³

A morte torna-se sólida mas ela não é fim porque o cisne conserva em si o princípio feminino e o princípio masculino – a síntese, o andrógino. E as cinzas precedem a ressurreição dos amantes porque a estes foi transmitida a palavra que se conserva no templo (reflexo do mundo divino). O ciclo fecha-se e realizam-se as núpcias dos amantes.

Estes últimos versos fazem parte de um conjunto de poemas intitulados *O beijo de Antikonie* publicados na obra *O dilúvio e a pomba* (1979) e que podem ser considerados como o seu testamento amoroso para Dórdio Guimarães. Quando chega ao Inverno da sua vida, Natália transforma Dórdio em pássaro/cisne para que ele possa conhecer novamente outra mulher e possa ser amado (a transformação do amado em pássaro quando perde a mulher amada é frequente nas lendas alemãs e insere-se nos ciclos masculinos do amor medieval alemão). Estes poemas constituem-se uma referência fundamental para compreender a relação entre Natália Correia e Dórdio Guimarães e que se caracterizava por um relacionamento de amantes / almas-gémeas / irmãos.

O ano de 1992 terminará com a fundação da Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC) que Natália irá liderar até à sua morte. Umas das

¹²³ Natália Correia, *Ibidem*, p. 468.

polémicas mais importantes em que esta associação se irá envolver é a polémica que se gerou em torno da "censura" feita ao livro *O evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago feita pelo então subsecretário da cultura Sousa Lara. Miguel Torga foi a figura tutelar da FNDC a convite de Natália Correia.

Em 1993 publica *O sol nas noites e o luar nos dias* que reunia toda a obra poética da autora com éditos e inéditos. Na madrugada do dia 16 de Março morre em sua casa ao lado de Dórdio Guimarães, deixando um vazio difícil de preencher na cultura portuguesa.

Conclusão

Ao chegarmos ao fim deste estudo, lembremos os resultados obtidos.

Antes de mais, verificamos que Natália Correia era avessa ao género diarístico tradicional preferindo as impressões gerais ao registo minucioso da história. Talvez por este motivo as suas raras obras diarísticas contenham um grau de acabamento que não é comum nos diários. Este grau de acabamento reflecte-se, muitas vezes, em estratégias discursivas onde o uso de analepses e de prolepses, na narrativa, subvertem o esquema tradicional do registo histórico. Cronologicamente, o espaço que medeia entre o registo dos acontecimentos e o momento da publicação permite à escritora a reflexão sobre os factos que quer ou não publicar. Mesmo a obra *Não percas a Rosa* que utiliza a sistema de entradas do diário não é honesto nesta questão.

O confronto entre a obra publicada, os textos inéditos e outros documentos de carácter pessoal (onde se inclui o espólio de Dórdio Guimarães e os processos do arquivo da PIDE) permitiu a correcção de alguns lapsos cronológicos que se têm repetido sucessivamente em obras e artigos sobre a escritora.

Deste modo, pensamos que os textos inéditos que se encontram no II volume deste trabalho são essenciais para preencher os espaços vazios da vida da autora. Estes textos, que aqui se publicam, constituem um dos aspectos fundamentais deste trabalho porque nos mostra não só a circunstância histórica e familiar de Natália como também dão a conhecer as preocupações, ânsias e desejos da autora e daqueles que a rodeavam.

Constituem-se, por isso, como verdadeiros documentos históricos não só a nível político como também, literário, cultural e etnográfico e que são testemunho dos momentos mais marcantes do séc. XX.

Este trabalho possibilitou a compreensão da acção política de Natália Correia que, ao contrário do que se tem afirmado, reflecte uma ortodoxia de pensamento que a autora não traiu. Natália Correia era republicana com todos os valores e conceitos de igualdade e liberdade que lhe estão subjacentes – uma forma de republicanismo dentro do qual não se enquadrava qualquer outro sistema político ou subversão do mesmo. Por este motivo, a escritora concentrou todas as suas forças na actividade de Oposição ao Estado Novo ao qual assistiu à ascensão, declínio e queda.

Nos espaços intermédios entre a sua escrita e a sua vida pública reside a vida privada que nada tinha de místico. A escritora era uma mulher permeável às decepções, traições e alegrias que a vida lhe reservou. Encontrou, ao longo da sua vida, dificuldades económicas, casamentos fracassados e o sentimento de abandono e deriva próprio do ilhéu que, arrancado à sua terra natal, conseguiu manter através da sua poesia o cordão umbilical que o unia a esse tempo genesíaco da infância.

Natália foi fortemente influenciada pela figura materna porque Maria José de Oliveira foi, ela própria, uma mulher à frente do seu tempo que conviveu com os ideais republicanos e que, à sua maneira, lutou pela condição feminina. Amiga de intelectuais como Maria Lamas, Maria José de Oliveira libertou as filhas Cármen e Natália da condição das suas contemporâneas, educando-as num ambiente cultural e político fervilhante. Demos também a

conhecer, ainda que brevemente, a sua faceta de escritora. Esperamos que este trabalho possa oferecer pistas para futuros trabalhos sobre a obra literária de Maria José de Oliveira porque também ela é importante para entender o pensamento de Natália.

Tentámos também, neste trabalho, clarificar o contexto político, sobretudo durante as décadas de 30, 40 e 50, em que Natália Correia esteve envolvida. Esta clarificação da situação histórica era essencial para enquadrar e compreender os escritos, tanto éditos como inéditos, da escritora.

Natália Correia pertenceu a diversos partidos numa militância política activa contra o Estado Novo. Depois do casamento com Alfredo Machado, a autora poderia ter-se instalado na alta sociedade lisboeta como mulher de um abastado homem de negócios com ligações às cúpulas do poder mas preferiu o risco de lutar contra um sistema opressivo e dirigista que tentava, por diversos meios, castrar a liberdade de pensamento. Por fim, depois da consolidação da democracia, assumiu a sua actividade política como um dever cívico que se traduziu por uma militância na área cultural.

Recordamos, por isso, uma observação de Teresa Rita Lopes. Ao referir-se à escritora disse que Natália Correia apresenta “as várias faces de um poliedro” embora possamos acrescentar que todas elas convergem para um centro, uma unidade de sentido que só é compreensível através da leitura de toda a sua obra.

Bibliografia

Bibliografia de Natália Correia

- CORREIA, Natália, *A estrela de cada um*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2004.
- CORREIA, Natália, *A ilha de Circe*, Lisboa: D. Quixote (Autores de língua portuguesa), 1983.
- CORREIA, Natália, *A madona*, Lisboa: Presença (Presença, 42), 1968.
- CORREIA, Natália, *A pécora: teatro*, Lisboa: D. Quixote (Autores de língua portuguesa. Obras de Natália Correia), 1983.
- CORREIA, Natália, *A questão académica de 1907* (pref. de Mário Braga), Lisboa: Minotauro, [1962?].
- CORREIA, Natália, *As maçãs de Orestes*, Lisboa: Dom Quixote (Cadernos de poesia; 13), *s.d.*
- CORREIA, Natália, *As núpcias*, Lisboa: O Jornal (Dias de prosa), 1992.
- CORREIA, Natália, *Breve história da mulher e outros escritos* (ed. de Zetho Cunha Gonçalves), Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2003.
- CORREIA, Natália, *Cantares dos trovadores galego-portugueses* (selecção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia), Lisboa: Estampa, 1978.
- CORREIA, Natália, *Contos inéditos e crónicas de viagem* (ed. de Zetho Cunha Gonçalves), Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2005.
- CORREIA, Natália, *D. João e Julieta: peça em 3 actos* (pref. Armando Nascimento Rosa), Lisboa: D. Quixote (Autores de língua portuguesa), 1999.
- CORREIA, Natália, *Descobri que era europeia: impressões de viagem a América*, Lisboa: Portugália, 1951.
- CORREIA, Natália, *Epístola aos Jamitas*, Lisboa: D. Quixote (Poesia século XX; 11), 1976.
- CORREIA, Natália, *Erros meus, má fortuna, amor ardente: peça em 3 actos*, Lisboa: O Jornal (Dias de prosa), 1991.
- CORREIA, Natália, *Grandes aventuras de um pequeno herói: romance infantil* (ilustrações Almeida Araújo), Porto: Astra, 1946.
- CORREIA, Natália, *Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974-20 de Dezembro de 1975)*, Lisboa: D. Quixote (Participar; 11), 1978.
- CORREIA, Natália, *O encoberto*, Lisboa: Galeria Panorama (Série teatro; 2),

s.d.

- CORREIA, Natália, *O surrealismo na poesia portuguesa*, Lisboa: Frenesi, 2002.
- CORREIA, Natália, *O vinho e a lira*, Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello (Sagir; 1), *s.d.*
- CORREIA, Natália, *Onde está o menino Jesus?*, Lisboa: Rolim (Fantástico; 34), *s.d.*
- CORREIA, Natália, *Poesia completa: o sol nas noites e o luar nos dias*, Lisboa: D. Quixote (Poesia do século XX; 32), 1999.
- CORREIA, Natália, *Somos todos hispanos*, Lisboa: Notícias (Livros da Natália), 2003.

Arquivos

- Espólio de Dórdio Guimarães na Biblioteca Nacional (D/10)
- Espólio de Natália Correia na Biblioteca Nacional (D/9)
- Processo da PIDE/DGS – Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (Pº462/44; Pº7546 – E/GT; 2137 – CI(1))

Bibliografia sobre Natália Correia

- ALMEIDA, Ângela, *Mãe ilha: Natália Correia: biobibliografia e iconografia*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993.
- ALMEIDA, Ângela, *Retrato de Natália Correia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- CORREIA, Fernando, *Natália Correia – De alma aberta*, Lisboa: Sete Caminhos, 2006.
- MARINHO, Maria de Fátima, "O fascínio de Édipo", *Letras & Letras*, nº 26, Porto, Fevereiro de 1990.
- MEIRELES, Victor de Lima; *Natália Correia: subsídios para a genealogia*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura (col. "Ensaio"), 1994.
- NOBRE, Graciete Berta de Sousa, *A poesia de Natália Correia e o espírito da*

heterodoxia, Lisboa: s.e. Tese mestrado apresentado à Universidade Nova de Lisboa, 1993.

- QUADROS, António, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Lisboa: Átrio, 1992.
- RODRIGUES, Urbano Tavares, "Breve perfil de Natália em sua obra" in *Natália Correia, 10 anos depois...*, s.l.: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.
- SANTOS, Maria Teresa Gomes Paula, *Natália Correia - poeta romântico: primeiras etapas de uma leitura em processo*, Lisboa: s.e. Tese mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa apresentado à Universidade Nova Lisboa, 1995.
- SOUSA, Antónia de, *et alii, Entrevistas a Natália Correia*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2004.

Bibliografia Geral

- AZEVEDO, Cândido, *Mutiladas e proibidas: para a história da censura literária em Portugal*, Lisboa: Caminho, 1997.
- GORJÃO, Vanda, *Mulheres em tempos sombrios – Oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa: Imprensa de ciências sociais (col. "Estudos e Investigações", nº24), 2002.
- *História de Portugal – O Estado Novo* (dir. de José Mattoso, coord. De Fernando Rosas), vol. 7, Lisboa: Estampa, 1994.
- *Jornal Portugal, Madeira e Açores* (1945, 1946).
- *Jornal Sol* (1947, 1948, 1949).
- LEAL, Cunha (preâmbulo de David Mourão-Ferreira), *Textos antológicos de Cunha Leal*, Lisboa: Cosmos, 1991.
- MARIA, Ana (pseud. De Maria José de Oliveira), *Almas inquietas*, Lisboa: Agência edição brasileira, 1944.
- MARIA, Ana (pseud. De Maria José de Oliveira), *Plano inclinado*, Lisboa: Casa do Livro, 1945.
- ROCHA, Clara; *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica*

em Portugal, Coimbra: Almedina, 1992

- *Seara Nova* (edição de Julião Quintanilha, direcção de Augusto Casimiro), nº 1409, Março de 1963.
- SILVA, Maria Isabel Mercês de Melo de Alarcão e, *Movimento de Unidade Democrática e o Estado Novo: 1945-1948*, Lisboa: s.e. Tese mestrado em História dos Séc. XIX e XX, Universidade Nova Lisboa, 1994.
- TAVARES, Marília de Assis Freire Ribeiro, *Os congressos republicanos de Aveiro – Subsídios para a história da Oposição ao Estado Novo*. Tese de mestrado em História contemporânea de Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra: 1994.



